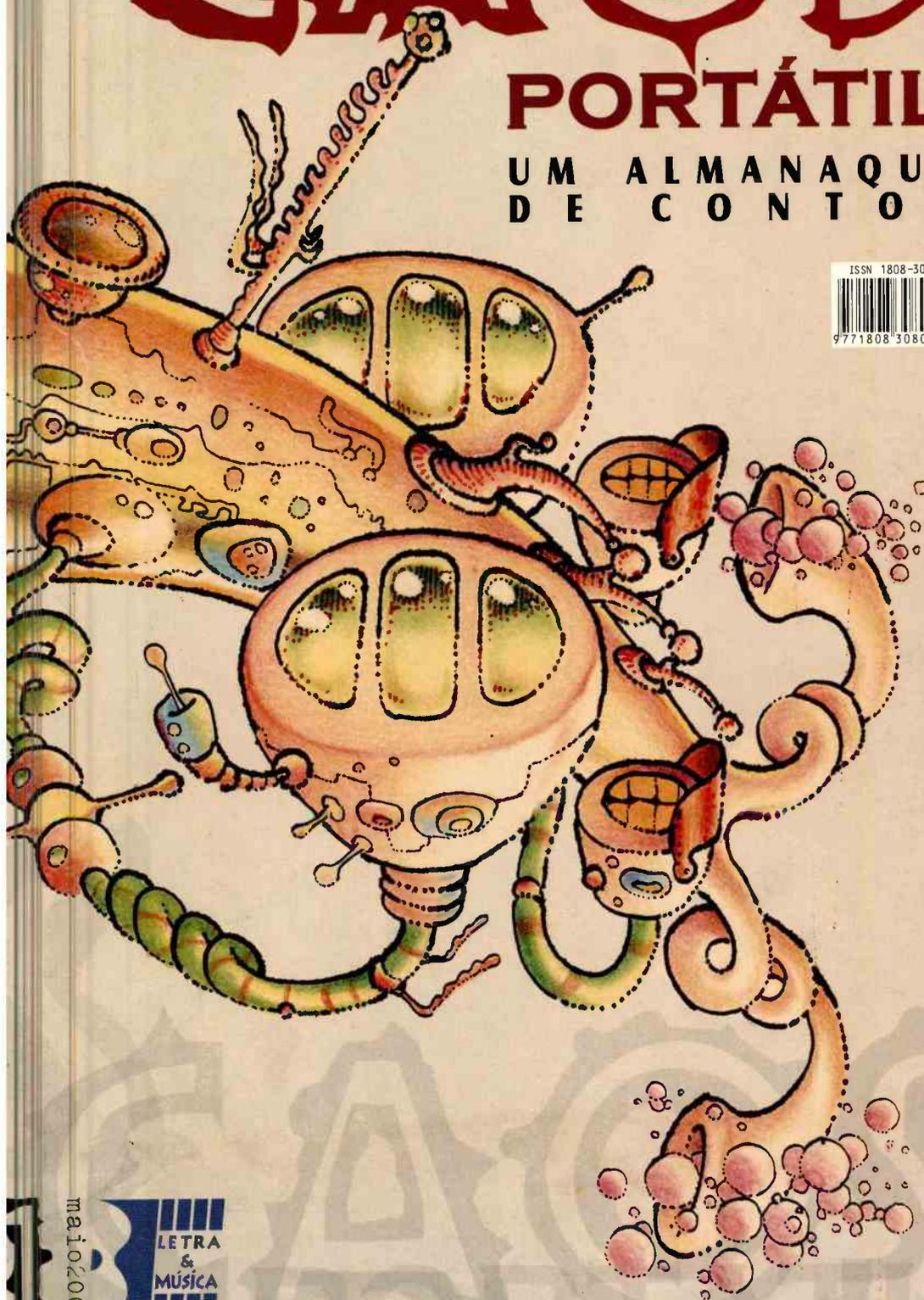


# CAOS

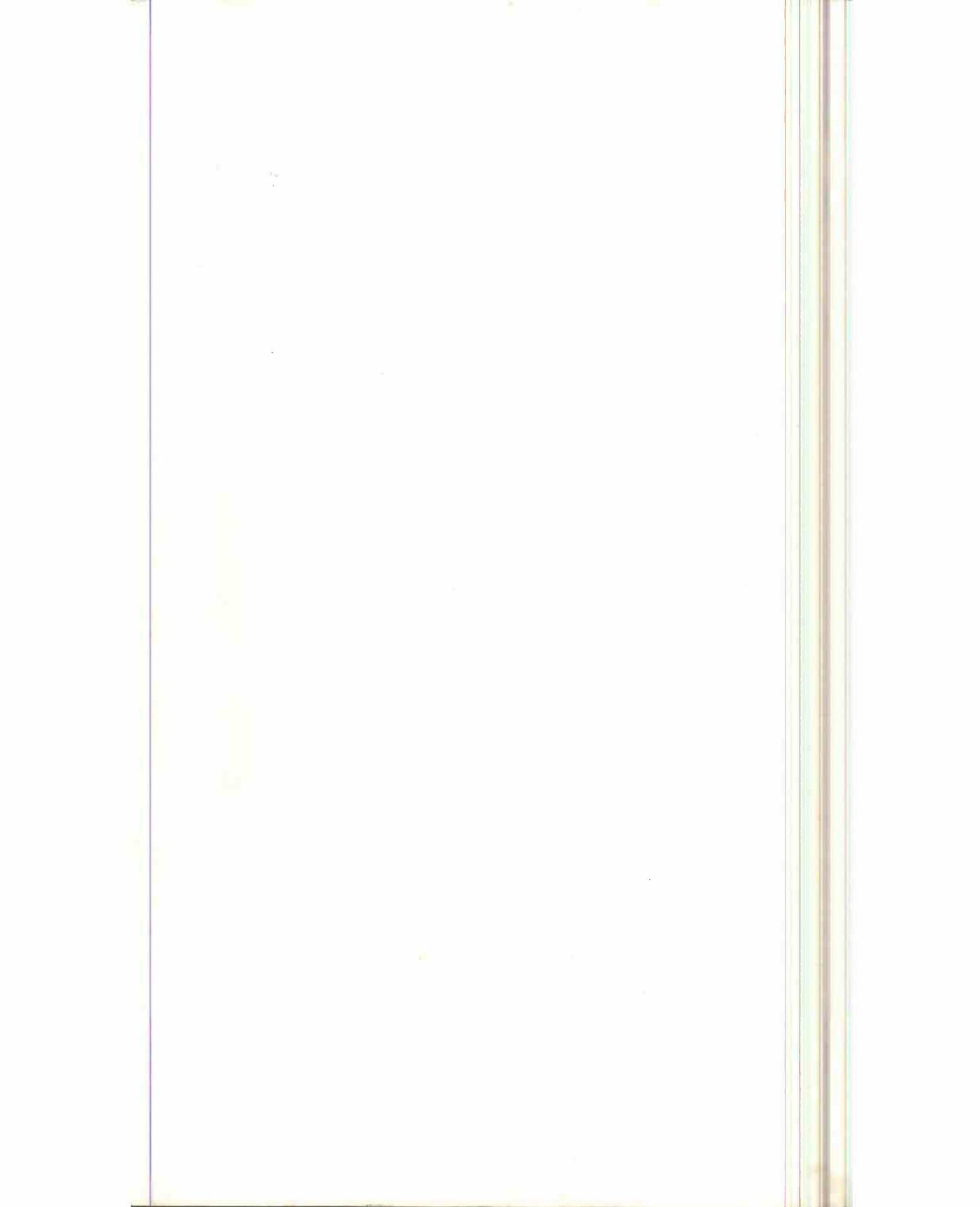
PORTÁTIL

UM ALMANAQUE  
DE CONTOS



maio 2005

LETRA  
&  
MÚSICA



# CAOS PORTÁTIL

UM ALMANAQUE  
DE CONTOS

*Autógrafo o poeta  
Scarus Feitosa  
a reprodução  
este Cass Portátil  
no seu Jornal  
de Poesia*

Caio Porfírio Carneiro	1
Aldir Brasil Jr.	4
Nilto Maciel	6
Pedro Salgueiro	9
Rodrigo Marques	12
Cândido Rolim	16
Inez Figueredo	18
Jorge Pieiro	20
Airton Monte	22
Diana Melo	27
Carlos Nóbrega	29
Luis Marcus	32
Júlio Lira	36
Pedro Henrique Saraiva Leão	40
Carmélia Aragão	42
Dimas Carvalho	47
Joan Edessom	49
Carlos Emílio Corrêa Lima	51
Luciano Bonfim	54
Nuno Gonçalves	57
Ronaldo Correia de Brito	60
Sérgio Telles	65
Ruy Vasconcelos	67
Os Editores	69

**CAOS**PORTÁTIL  
UM ALMANAQUE  
DE CONTOS

**JorgePieiro**  
**PedroSalgueiro**

*Editores*

**GeraldoJesuino**  
**JorgePieiro**  
**NiltoMaciel**  
**PedroHenriqueSaraivaLeão**  
**PedroSalgueiro**

*Comite Editorial*

*Arranjo Visual*

**GeraldoJesuino**

*Na capa*

**NAVE - Lápis de cor e nankim**  
**SilasRodrigues**

*Revisão*

**JorgePieiro**  
**PedroSalgueiro**

*Uma publicação*

**Letra e Música Comunicação Ltda**

**Rua Coronel Jucá, 1000/1101**  
**Meireles Fortaleza CE.**  
**60170-320**

*Correspondência*

**letraemusica@secrel.com.br**

*Ficha catalográfica*

elaborada pela bibliotecária  
Perpétua SocorroTavares Guimarães  
reg. C.R.B 3/801-98

Caos Portátil: revista de literatura v. 1, n.1,  
semestral - Fortaleza: Letra e Música, 2005-1.  
Almanaque de contos - periódico

CDD 869.9308

ISSN 1808-3080

“...por debajo de noches vomitadas de música y tabaco y vilezas menudas y trueques de todo género, bien por debajo o por encima de todo eso no había querido fingir como los bohemios al uso que ese caos de bolsillo era un orden superior del espíritu o cualquier otra etiqueta igualmente podrida,...”

(Rayuela)

# julio

“por baixo de noites  
vomitadas de música e de  
fumo e de muitas infâmias  
e truques de todos os  
gêneros, bem por baixo  
ou por cima de tudo  
isso, eu não tinha  
desejado fingir, como os  
boêmios o faziam, que  
esse caos portátil fosse  
uma ordem superior do  
espírito ou de qualquer  
outra etiqueta igualmente  
podre,...”

(O Jogo da Amarelinha,  
trad. Fernando de Castro Ferrer)

CAOS

PORTÁTIL 0

# Cortázar

## Caio Porfírio Carneiro

Caio Porfírio de Castro Carneiro nasceu a 1º de julho de 1928, em Fortaleza, Ceará. Dedicou-se muito moço ao jornalismo, na terra natal.

Bacharelou-se em Geografia e História pela Faculdade de Filosofia de Fortaleza. Transferiu-se para São Paulo em 1955, onde vive até hoje. Desde 1963 é secretário administrativo da União Brasileira de Escritores de São Paulo. Sócio titular do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, do PEN CLUBE de São Paulo, da Academia Paulistana da História, da Academia de Letras do Brasil (Brasília), da *Unión Cultural Americana* (Buenos Aires) e sócio-correspondente da Academia Cearense de Letras. Ganhou vários prêmios literários e

contos seus estão incluídos em duas dezenas de antologias do gênero e traduzidos para o espanhol, italiano, alemão e inglês. O seu romance *O Sal da Terra* foi traduzido para o italiano e árabe e adaptado em roteiro técnico para o cinema.

Obras publicadas:

*Trapiá* (contos), Ed. Francisco Alves, Rio, 1961. Mais duas edições posteriores: Coleção Saraiva, São Paulo; Editora Cátedra, Rio de Janeiro. O conto "O Padrinho" foi traduzido para o alemão e o "Comegato" adaptado para a televisão.

*Bala de Rifle* (novela policial), em capítulos no jornal Última Hora, SP, 1963. Não levada ao livro.

*O Sal da Terra* (romance), Ed. Civilização Brasileira, Rio, 1965. Mais duas edições pela Editora Ática, São Paulo. Traduzido para o italiano e árabe. Adaptado em roteiro técnico para o cinema.

*O Menino e o Agreste* (contos), Ed. Quatro Artes, SP, 1969; 2ª edição pela mesma editora, em convênio com o Instituto Nacional do Livro, Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras, Menção Honrosa do Prêmio Governador do Estado de São Paulo.

*Uma Luz no Sertão* (romance-reportagem), Editora Clube do Livro, SP, 1973.

*O Casarão* (contos), Ed. do Escritor, SP, 1975. Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, S. Paulo. Menção Honrosa do Pen Clube de São Paulo.

*Chuva - Os dez cavaleiros* (contos), Ed. Hucites, SP, 1977.

*O Contra-Espelho* (contos), Traço Editora, SP, 1981.

*10 Contos Escolhidos*, Coleção 10 contos - Ed. horizonte, Brasília, 1983, em convênio com o Instituto Nacional do Livro.

*Viagem sem Volta* (contos), Ed. Seiva, SP, 1985.

*Quando o Sertão Virou Mar...* (Lit. Juvenil), Ed. FTD, SP, 1987. Várias edições.

*A Oportunidade* (novela), Ed. Mercado Aberto, P. Alegre, 1986.  
*Profissão: Esperança* (Lit. juvenil), Ed. do Brasil, SP, 1986.  
*Da terra para o mar, do mar para a terra* (lit. juvenil), Ed. FTD, SP, 1987. Várias edições.  
*Três Caminhos* (novela), Ed. FTD, SP, 1988. Várias edições.  
*Dias sem Sol* (novela), Ed. Illa Palma – S. Paulo/Palermo, Itália, 1988.  
*Rastro Impreciso* (poesias), Ed. Scortecci, SP, 1988.  
*Os Dedos e os Dados* (contos), Ed. Pontes, Campinas, S. Paulo, 1989.  
*Primeira Peregrinação* (Reminiscências), Ed. Scortecci, S. Paulo, 1994.  
*Cajueiro sem Sombra* (Lit. juvenil), Ed. Saraiva, SP, 1997. Várias edições.  
*Mesa de Bar* (quase diário), Ed. Toda prosa, SP, 1997.  
*Contagem Progressiva* (memórias), Universidade Federal do Ceará, 1998.  
*Perfis de Memoráveis* (autores brasileiros que não alcançaram o terceiro milênio), RG Editores, SP, 2002.  
*Uma Nova Esperança* (de parceria com Maria José Viana e Paulo Veiga) (Lit. Juvenil), Editora Nativa, SP, 2002.  
*Maiores e Menores* (contos), Alpharrabio Edições, São Paulo, 2003.

# ELE

Ele sempre se sentava na mesma cadeira de encosto alto e se balançava, olhando o tempo através da janela. Ele não mudava de roupa, o mesmo terno amarfanhado e sujo. Ele não calçava sapatos, meias furadas e chinelos, embora engravatado. Ele nunca sorria quando contava os cúmulos-nimbos que corriam no céu. Ele não cortava as unhas. Ele só se levantava para fazer suas necessidades. Ele dormia na velha cama, vestido como estava, mãos cruzadas ao peito, como morto ou como se rezasse. Ele só tomava a sopa chupando muito caldo da colher, numa sonoridade de doer nos ouvidos e nos ossos. Ele chamava a criadinha, balançava-se na cadeira e ordenava que ela se despisse. Ele a mandava embora em seguida com um gesto de mão e tédio. Ele pedia jornal, qualquer jornal, para uma corrida ligeira pelos títulos com os óculos na ponta do nariz, o jogava-o depois para o lado. Ele não se escanhoava quando fazia a barba, sentado na cadeira e a criadinha com um espelho na mão. Ele ficava com o rosto pontilhado de espuma. Ele não tomava o remédio que o médico receitara. Ele não cortava os cabelos. Ele roncava, cabeça bambeada, a saliva pingando na boca, quando o tempo ia mal e não se podia abrir a janela. Ele rezava e dizia palavrões. Ele recitava versos e os repetia até ficar rouco. Ele tossia e escarrava no chão. Ele soltava gases, em seqüências sonoras, que alcançavam a vizinhança. Ele resmungava e não dizia palavra. Ele cantarolava surdamente sempre a mesma canção. Ele me olhava com olhar neutro. Ele tossia a noite toda, sujava-se nas calças e não permitia que tocassem nele. Ele infernizava a minha vida e a vida da criadinha. Ele era o nosso pesadelo.

Ele ficou assim depois que a esposa se foi, entre círios e flores.

Ele então foi despachado para a companhia dela, depois que trocamos, eu e a criadinha, um olhar de cumplicidade.

Ele continuou presente com a sua ausência.

Ele me assusta quando olho para a criadinha. Ele a assusta quando ela olha para mim.

Ele aumentou enormemente a carga do nosso pesadelo.

Ele nos deixou sem remissão.

**A**ldir  
Brasil Jr.

Aldir Chaves Brasil Junior  
nasceu em Fortaleza, Ceará, em  
19 de dezembro de 1964.

Doutor em Matemática pela  
Universidade de São Paulo –  
USP. Professor do  
Departamento de Matemática da  
Universidade Federal do Ceará.

Tem poemas e contos publicados  
no site *Fortaleza Voadora*, do  
escritor e tradutor Ruy  
Vasconcelos. Inédito em livros.

O LEO PARDO  
PEDRO JORGE  
DA GALERIA

*Vou pra longe do mal, pra  
distante de quem usa capuz  
sumindo da terra deixando  
tudo nas mãos dos Vodus*  
Itamar Assumpção

Escapou do Bom Jardim depois do sumiço da mãe e instalou-se para sempre nas paredes da cidade, feito colagem barata.

As pessoas, às pressas, nem sempre percebiam os olhos amendoados e as camadas de papéis multicoloridos que o encobriam.

- Serei redesenhado pelos meninos, lápis de cera e *crayon*. Dormirei ao relento com as meninas e percorrerei todas as varandas fugindo das almas da Castro e Silva, sentindo o mar nas fuças.

O mar nas fuças. Virou bicho-de-seda depois da última sessão, entre senhores de meia-idade e garotos evangélicos.

- Bruce Lee e a Aranha Gigante no templo Shaolin, amanhã nos veremos.

Não guardava a simetria do tigre de Blake, nem a beleza do cosmotigre muriliano, seria esmaltado pela fuligem e consolado para sempre pelo mar.

Ontem foi devolvido pelas ondas, com os dedos azuis a procura de Netuno. Rendeu-se à Satânica tentação: troçou do Altíssimo.

## NILTO MACIEL

Nilto Fernandes Maciel nasceu em Baturité, Ceará, em 30 de janeiro de 1945. Formado em Direito pela Universidade Federal do Ceará. Criou, em 1976, com outros escritores, a revista *O Saco*. Edita a revista *Literatura* desde 1991.

Ganhou alguns prêmios literários: "Brasília de Literatura", 1990, categoria romance nacional, promovido pelo Governo do Distrito Federal, com *A Última Noite de Helena*; "Graciliano Ramos", 1992/93, categoria romance nacional, promovido pelo Governo do Estado de Alagoas, com *Os Luzeiros do Mundo*; "Cruz e Sousa", 1996, categoria romance nacional, promovido pelo Governo do Estado de Santa Catarina, com *A Rosa Gótica*; "Bolsa Brasília de Produção Literária", 1998, categoria conto, com *Pescoço de Girafa na Poeira*; "Eça de Queiroz", 1999, categoria novela, União Brasileira de Escritores, Rio de Janeiro, com *Vasto Abismo*.

Livros publicados:

*Itinerário*, contos, 1.<sup>a</sup> ed. 1974, 2.<sup>a</sup> ed. 1990, João Scortecci Editora, São Paulo, SP; *Tempos de Mula Preta*, contos, 1.<sup>a</sup> ed. 1981, Secretaria da Cultura do Ceará; 2.<sup>a</sup> ed. 2000, Papel Virtual Editora, Rio de Janeiro, RJ; *A Guerra da Donzela*, novela, 1.<sup>a</sup> ed. 1982, 2.<sup>a</sup> ed. 1984, 3.<sup>a</sup> ed. 1985, Editora Mercado Aberto, Porto Alegre, RS; *Punhalzinho Cravado de Ódio*, contos, 1986, Secretaria da Cultura do Ceará; *Estaca Zero*, romance, 1987, Edicon, São Paulo, SP; *Os Guerreiros de Monte-Mor*, romance, 1988, Editora Contexto, São Paulo, SP; *O Cabra que Virou Bode*, romance, 1.<sup>a</sup> ed. 1991, 2.<sup>a</sup> ed. 1992, 3.<sup>a</sup> ed. 1995, 4.<sup>a</sup> ed. 1996, Editora Atual, São Paulo, SP; *As Insolentes Patas do Cão*, contos, 1991, João Scortecci Editora, São Paulo, SP; *Os Varões de Palma*, romance, 1994, Editora Códice, Brasília; *Navegador*, poemas, 1996, Editora Códice, Brasília; *Babel*, contos, 1997, Editora Códice, Brasília; *A Rosa Gótica*, romance, 1.<sup>a</sup> ed. 1997, Fundação Catarinense de Cultura, Florianópolis, SC (Prêmio Cruz e Sousa, 1996), 2.<sup>a</sup> ed. 2002, Thesaurus Editora, Brasília, DF; *Vasto Abismo*, novelas, 1998, Ed. Códice, Brasília; *Pescoço de Girafa na Poeira*, contos, 1999, Secretaria de Cultura do Distrito Federal/Bárbara Bela Editora Gráfica, Brasília; *A Última Noite de Helena*, romance, 2003, Editora Komedi, Campinas, SP.

# Paisagem Celeste

**NILTO  
MACIEL**

desceu o primeiro degrau e o segundo. Olhou para trás. Tudo calmo. Levou a mão à porta. Nada de barulho ao retirar a trave. Se Maria ou os filhos acordassem, inventaria alguma desculpa: esquecera de trancar a porta. E voltaria à rede. Sondou de novo a retaguarda: a parca luz da lamparina se infiltrava pela brecha da porta e alumia uma nesga de chão do corredor. Ninguém tossia nem roncava. Dormiam sonos profundos, talvez. Retirou, com cautela, a trave e a pôs no chão, em posição vertical. Se tombasse, todos acordariam. Deu uma volta à chave, mais uma, retirou-a da fechadura e a colocou num bolso. Abaixou-se para levantar o ferrolho, voltou à posição normal, puxou com leveza a tábua da porta, olhou para os dois lados da rua, fez o movimento contrário na madeira e desceu o degrau para a calçada. Meteu no bolso a mão, à cata de cigarros. Não, a fumaça inundaria a casa, pelas brechas da porta. Caminhou a passos largos no rumo da igreja matriz. Necessitava caminhar muito, cansar, sentir vontade de dormir. Não suportava mais tantas noites sem sono, a se revirar na rede. Quando a claridade da aurora se anunciava no telhado, mal agüentava espiar os punhos da rede, a cabeça a lhe doer, o corpo quente, febril. Embora assim, carecia se banhar, tomar café, caminhar até a mercearia e passar mais um dia sem ânimo, nem para as conversas sem fim com os amigos de sempre. Ao chegar à pracinha, sentou-se num banco. As luzes dos postes lhe faziam mal. Tossiram numa das casas. Tratou de deixar o banco e se pôs a caminhar entre as árvores, pelas calçadas internas do logradouro. Viu-se diante do coreto. Há quanto tempo não o via! Talvez nunca tivesse passado ao seu interior. Um cachorro dormia debaixo de um banco e se assustou ao ver aquele guarda-noturno estranho. Fez menção de se erguer e correr. Luís o tranqüilizou. Ficasse ali mesmo, não lhe ia fazer mal. O cão mirou os olhos do homem, que deu meia-volta e se retirou.

Pé ante pé, mão a roçar a parede, Luís deixou o quarto, passou pelo corredor e alcançou a antesala. Em cada mão um sapato. Parou, conteve a respiração,

Nada de confusões, fosse com bichos, fosse com gente. Precisava de solidão, paz e silêncio. Para onde iria? Talvez para a mercearia. Não, aquilo não. Os vizinhos acordariam e suspeitariam de arrombamento. Além do mais, já passava os dias enfurnado entre sacos de arroz e fardos de algodão. Tomou o rumo da rua paralela àquela pela qual ia e vinha duas vezes por dia. Na calçada outro cachorro deitado junto à parede. Passou para o meio da rua. Avistou, ao longe, as torres da matriz. O relógio indicava 12 horas e 45 minutos. Se encontrasse a porta entreaberta, ajoelaria diante do altar e rezaria. Talvez não. Há anos não assistia à missa. Até já o chamavam de ateu. E por que não subir a serra? Apressou o passo. Sim, rumar pela estradinha escura e depois se meter no mato, procurar algum riacho, alguma cachoeira. A Lua apareceu atrás do Pico Alto. Pôde ver com clareza o chão coberto de folhas secas e gravetos. Ia necessitar de muito fôlego para subir a ladeira. Daquele jeito, fumando muito, bebendo genebra todo dia, não chegaria longe. Mas precisava daquilo, os negócios iam mal, os filhos mais velhos só lhe davam desgostos, Maria não lhe apetecia mais. Há quanto tempo não se encostavam um no outro? Ela num quarto, ele noutro. Conversavam apenas o necessário, quando muito. Discutiam por qualquer ninharia. Não se miravam nunca. Dormir como qualquer outro – impossível. Estacou diante de uma vereda. Examinou a ribanceira. Chiado de água a escorrer. Apalpou o chão com os pés e se pôs a descer. Rastejariam serpentes por ali? Armou-se de um pedaço de pau. Serviria de cajado. Maria teria despertado? E os filhos pequenos? Quando acordassem e o não vissem... Não, nunca o viam ao amanhecer. Ainda dormiam quando saía para trabalhar. Mesmo assim, prometia voltar antes de o sol raiar. Sentou-se ao pé de uma rocha. Açoitou o chão com o galho seco. Nada de bichos por perto. Olhou para o alto. A Lua vagava entre nuvens. Acendeu um cigarro. Bater de asas ao seu redor. Pios de protesto. Jogou fora a ponta acesa e a esmagou com o pé. Deitou-se e se pôs a admirar a Lua, como há muito não fazia. São Jorge num cavalo enfrentava um dragão. Nuvem enorme encobriu soldado e animais. Luís fechou os olhos. Aquela peleja não acabava nunca. Ou não passava de pintura, paisagem celeste? Rodavam no espaço desde o início. E rodariam até o fim.

Quando abriu os olhos, uma nesga de sol se filtrava entre as telhas do quarto. Estremeceu na rede e viu Maria a fugir feito fantasma, de volta ao outro quarto. Já voltei da serra?

# PEDRO SALGUEIRO

Pedro Rodrigues Salgueiro nasceu em Tamboril, Ceará, em 15 de novembro de 1964, tem editados os livros de contos *O Peso do Morto* (1ª edição, São Paulo: Ed. Giordano, 1995; 2ª edição, Recife: Ed. Bagaço, 1997), *O Espantalho* (Fortaleza: Universidade Federal do Ceará/ Programa Editorial — Casa de José de Alencar, 1996) e

*Brincar com Armas* (Rio de Janeiro: Ed. Topbooks, 2000/ Edição On-line — França: Éditions 00h00.com, 2001). Participa das antologias *Talento Cearense em Contos* — Org. Joyce Cavalcante (São Paulo: Ed. Maltese, 1996), *Geração 90: Manuscritos de Computador* — Org. Néelson de

Oliveira (São Paulo: Boitempo Editorial, 2001), *Antologia de Contos Cearenses* — Org. Túlio Monteiro (Fortaleza: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo/FUNCET, 2004), *Os Cem Menores Contos Brasileiros do Século* — Org. Marcelino Freire (São Paulo: Ateliê Editorial, 2004) e *Contos Cruéis* — Org. Rinaldo de Fernandes (São Paulo: Geração Editorial, 2005).

Recebeu o Prêmio Ceará de Literatura (Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará/SECULT, 1995), o Prêmio Osmundo Pontes de Literatura (Academia Cearense de Letras, 1997), o Prêmio de Contos da Biblioteca Nacional para obras em curso (Ministério da Cultura/Instituto Nacional do Livro, 1997), o Prêmio Literário Cidade de Fortaleza (Fundação Cultural de Fortaleza/FUNCET, 1998) e o Prêmio da União Latina/ Concurso Guimarães Rosa de Literatura (Radio France Internationale — RFI, 1999).

# MECANISMO

PEDRO  
SALGUEIRO

Na hierarquia da casa me cabia um cantinho, de onde fiquei observando o filete de luz, vindo da janela, que iluminava metade da mesa. Fechei um dos olhos, a mão em pala sobre o outro, vendo a poeira suspensa percorrendo a réstia, que (devido à penumbra da sala de jantar) parecia uma chama na escuridão. Do meu ladinho fui um espectador privilegiado, com direito a cadeira no próprio palco; algo que mesmo a iluminação — a mísera luzinha — não permitia uma visão da platéia. Papai no seu lugar por direito; mãe na posição mais cômoda para servi-lo. E eu, do meu esconderijo, controlava a respiração: as partículas de poeira ganhando o teto. A irmã mais nova entraria somente no segundo ato, ainda penteava preguiçosa o cabelo enorme.

Sabíamos que o pai logo mais levantaria a mão esquerda num falso movimento de braço, como se fosse olhar o relógio imaginário que na verdade pendia da algibeira. A este movimento levemente imaginado se seguia o olho atento da mãe. Sua mão direita já levava prestimosa a imensa colherada de arroz, o sal fora depositado sobre uma linha reta traçada desde o prato até o canto oposto da sala. Ele avisava com a sobancelha que em seguida mexeria os dedos numa impaciência. Ela ajeitava o avental que tinha sido repuxado no movimento anterior sobre o prato. Os dedos de meu pai batiam incontinenti seus teclados invisíveis, o feijão em seguida. Um grande osso do corredor esperava sua vez de entrar em cena.

Faltavam três minutos para que eu entrasse no campo de visão dos dois, logo depois que a garrafa de vinho posta no centro da mesa fosse afastada com o antebraço para a lateral vazia a ser ocupada pela caçula.

Aguardava impassível, sabedor de meu caminho. Agora a irmãzinha arrastava pacientemente o chinelão de feltro pelo corredor. Decorava suas preces em quase silêncio. Mamãe nesse instante colocava sobre a mesa o meu prato e o de Camila, que ensaiava sua primeira participação.

Papai batia com seu martelo o osso do corredor. Podia-se improvisar. Nesse minúsculo intervalo mudava-se o cenário. A pequena sentava-se à mesa, segurando as tranças. Eu timidamente lhe arriscava um sorriso. A mãe era só desempenho, o avental novamente ajustado. O pai repartia o tutano, despejava com um gesto grave o vinho nas taças. Baixávamos a vista, lábios entreabertos, em compasso de espera.

Todos os movimentos acoplados, como se os fios dos cordéis fossem magistralmente manipulados por dedos hábeis. O mínimo gesto ensaiado até a exaustão. Sem que se esperasse o próximo número, o sistema de roldanas azeitado em seus múltiplos fios.

E em qualquer tempo nenhuma voz.



Rodrigo de Albuquerque Marques nasceu em Fortaleza, Ceará, no dia 12 de abril de 1980. Bacharel em Direito e mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Ceará. Poeta e crítico literário, também envereda pela "Literatura para infância", conceito que pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Letras, tendo publicado um livro artesanal, *A Hora do Cururu*, com histórias deste gênero, e ainda aguardando a publicação do romance *Fazendinha*.

Rodrigo  
Marques

## O QUARTO

Na cama. Morto.

A vida vinha recuando alguns meses, como um lençol que se puxa e se descobre alguém ao sono.

Era bem assim que dormia, o braço fora da cama, a perna dobrada, o olhar de lado. Tanto, que a mulher nem o percebera sem vida até sentir a falta do ruído. O ruído fino, de ar preso, nariz. "Acorda, homem... acorda...". Sabe-se que um dos benefícios da morte é tampar os ouvidos e não deixar que o morto escute o que se passa nas horas seguintes e nem depois, onde tanto silêncio seria impossível suportar.

Se voltarmos o olhar alguns passos da cena, estaremos no corredor principal da casa — se é que uma casa tem um corredor principal — e se dobrarmos à direita logo após a pequena cômoda, entraremos com cuidado no quarto da filha, que a essas horas arruma a gaveta. Bijuterias. Cartas. Papéis amassados. Broches. Desde a piora, acompanha a doença do pai pondo-se a ouvir as sugestões da casa e os resmungos da mãe.

Mas se sairmos agora do quarto da moça, de modo que se possa ver o fim do corredor, assistimos ao homem com o braço fora da cama e à mulher de joelhos a se levantar e, rápida, sem antes bater com força a porta, correr pelo corredor a nos atravessar, passar à sala, à cozinha, ao jardim, ao portão, para em seguida, voltar ao jardim, à cozinha, à sala, a nos atravessar novamente e a entrar no quarto da filha assustada.

A menina sentira a presença da mãe como um ausente que retorna sem mais pra quê. Talvez não haja forma melhor: gaveta de bijuterias, interior da casa, repicar de contas coloridas. Duas meninas choram.

Quem sabe se nos postarmos por cima de tudo o que se passa aqui, se formos para o telhado e de lá observamos pelas frestas das telhas apenas retalhos, talvez tenhamos a visão dos gatos, que dizem enxergam melhor. Sem dúvida, a fresta restringe o olhar, que se aguça, que se avoluma, que se infiltra. Veja a mão da menina a afagar a mãe. Os dedos adquirem os detalhes, cada um com sulcos e pêlos a comunicar tato, que por sua vez leva outras mensagens para a face também enrugada. Porém por este ângulo não se ouve bem: o que as duas disseram ali, tão próximas, numa mistura de choro? Convém retornar.

Jamais entrariam ali. Remexer, colocá-lo numa posição confortável, vesti-lo com a camisa de botão, enfiar-lhe uma calça, fechar-lhe os olhos; depois os telefonemas, o carro, arrumá-lo no caixão com os braços colados, a textura, o cheiro, a moldura, o resto do pai. O que mais emperrava as duas era a porta.

Deixaram, pois, a morte trancada, a remoer-se, o braço do lado de fora da cama, até desaparecer por completo da casa.

Deste ângulo, a menina prepara o jantar e a mãe se detém na limpeza dos copos. Não iniciam uma palavra. E se deixarmos as duas cozinhando em silêncio e percorrermos a casa com mais cuidado, tateando a parede da sala, a escrita fica mais úmida, fria, já que uma infiltração toma conta de boa parte deste lado. Se deitarmos atenção no piso, um taco antigo, e retirarmos um deles, este, por exemplo, por nossa mão subirão mil insetos, tão infinitos insetos que apenas eles se enxergam, que apenas a mão fervilha. Se pelo lado de lá, percorrermos o corredor lateral que desemboca num quintal ressecado e passarmos o dedo nas quinas e olharmos em seguida, talvez haja um verde, que por ali pinga uma torneira. E se formos até o fim e atravessarmos o pequeno portão enferrujado, onde a menina pendura as roupas, o quintal nos mostrará sua arqueologia de garrafas e cacos díspares. Aquela capelinha é a casa do motor, onde se puxa água, onde faz um barulho. Se ainda deixarmos as duas em silêncio na cozinha, e do quintal atravessarmos a parede final da casa, estaremos no quarto do casal, que além do morto, com o braço fora da cama, um guarda-roupa antigo retém um segredo, que não é a morte, mas que da mesma maneira não podemos enxergar, na penteadeira repousa um pente, alguns frascos e fios de cabelo, já o espelho reflete o pé do morto e parte da cama. Se ainda atravessarmos a porta fechada e nos determos agora com mais atenção no corredor principal da casa, o teto parece falho, com ar de goteiras, que num dia de mais água certamente desistirá. Aproveitemos ainda que as duas cozinham e nos apressemos para o terraço de piso branco, arejado, calmo, os armadores para as redes, as duas espreguiçadeiras, um quadro falso.

As duas assistem ao noticiário. Na calçada, assistimos aos clarões que pulsam quando chegam os quadros e a propaganda, e esta senhora que por aqui passeia também se distrai com a televisão.

Guardar um morto em um quarto requer incômodos. Ter a certeza de que o pai descansa ali com o braço fora da cama, embora esta lembrança vá se apagando com o tempo, provoca uma certa ânsia, sem contar com o cheiro da morte se despregando. Esperar. Esperar a morte desaparecer do quarto. Viver sem o livro esquecido ao pé da cama.

No quarto da moça, ao passarmos, encostamos à porta. E o choro vem do banheiro como algo escorrendo. Passemos a observá-lo

da fechadura. A menina maquiada. Batom, olhos no espelho, minha mão tenta reter uma lágrima. Bem que queria abraçar o pai, contar-lhe algo, não sei o quê do banheiro.

A mãe no terraço ocupa uma das espreguiçadeiras.

Ventos correm na casa. O morto, que não usa camisa, mas veste um calção frouxo, de doentes, afunda o colchão com leveza, repuxando para o centro a colcha, como se a morte fosse roupas limpas e dobradas numa cama. As duas continuam no terraço. O livro, página 108, uma flor marca a leitura.

Aproveitemos. Vamos ao outro quarto. Os tacos precisam de troca.

O vaso da pequena cômoda vacila.

Foi apenas um encostar, quebramos o vaso.

“Mãe, a senhora ouviu?”

O vaso espatifou cá nos pés. Quem sabe a menina colocara-o em falso, mas o falso não é queda, é só talvez. “Também senti algo no banheiro”. “Também senti um frio no terraço”. Olharam a porta trancada. Sabiam do braço fora da cama, do pai remoendo a morte até se cansar.

Estamos em cima. Melhor aproveitar que as duas estão recolhendo os cacos, para nos distrair na cozinha com um gole d’água, para nos recuperarmos do susto. A cozinha guarda frutas, potes e açúcar. Também formigas no açúcar. A geladeira bege, cor clara, dentro, o comum das geladeiras. A menina passa às pressas com um saco de cacos, a mãe acompanha em seguida. Voltam. Vão ao quintal jogar os vidros.

As meninas dormem agora. A mãe na posição fetal. A filha abraça o feto como quem abraça um capucho de algodão. Vê-las, sobretudo por este ângulo: a janela e as persianas. E se abraçarmos a mãe e a filha além desse leve? Certamente sentiremos o perfume da moça. Tocamos com os dedos mais nuvens... “Mãe, mãe, é o pai?”. A velha com o braço fora da cama. “O que foi, filha?... teu pai tá dormindo”. Corremos. O corredor, a sala, a cozinha, o jardim, a rua, o jardim, a cozinha, de novo a sala, o corredor, o quarto do morto. O morto na cama, o braço. Ajeitemos o braço. Assim. Leiamos o livro, página 108: “Então se dissiparão todas as vãs imaginações, penosas perturbações e supérfluos cuidados”. O guarda-roupa, antigo segredo que não sabemos bem. O espelho reflete o pé do morto e parte da cama. O livro na mesma página. Os frascos, o pente, os fios de cabelo. As duas meninas, a sombra no finzinho da porta, nos vêem afagando o morto.

## CÂNDIDO ROLIM

José George Cândido Rolim nasceu em Várzea Alegre, Ceará, em 02 de março de 1965. Bacharel em Direito pela Universidade Federal do Ceará. Exerce a advocacia. Poesia e prosa publicadas em jornais e revistas no Brasil e no exterior.

Tem publicado os livros:

- *Rios de Mim* (Fortaleza: Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 1982);
- *Arauto* (Sabará: Edições Dubolso, 1988);
- *Exemplos Alados* (Fortaleza: Letra e Música, 1997) e
- *Pedra Habitada* (Porto Alegre: AGE, 2002).

# Das Virtudes

CÂNDIDO ROLIM

nasceu sob o pálio da prosperidade. honrou deus, pai e mãe. homem feito, albergou fidelidade e bons propósitos. conservou os costumes herdados e enobreceu os adquiridos. registrou poses e firmou títulos. casou filhos, sepultou parentes e pranteou amigos. praticou a justa quota de bondade com os desconhecidos. amalhou amizades e colheu os frutos da inquebrantável constância. com firmeza e denodo, evitou contrariar e interferir demasiado no fluir das coisas e dos fatos. foi militante da harmonia e da imparcialidade: julgando-se aparelhado adequadamente para o imprevisto, deixou a realidade intacta. íntegro e realizado, desceu à terra por antigüidade e merecimento.

Nasceu em Fortaleza, Ceará. É poeta, contista e cronista. Tem publicado os livros de poemas: *O Poeta e a ponte* (Fortaleza: Editora Talvegue, 1997) e *Estrela, Vida Minha* (Fortaleza: Edições Poetaria, 2004).

**PRÊMIOS:**

União Brasileira de Escritores - UBE, 1996 (Crônicas);

Ideal Clube de Literatura, 1999 (Crônicas);

Secretaria de Cultura do Ceará, 1993 (contos).

Contos e poemas publicados em várias revistas literárias e antologias.

**MEZ**

**FIGUEREDO**

INEZ  
FIGUEREDO

# Canção

CAOSPORTÁTIL

19

Para Juliana, que sonhava ser personagem, parecia-se com uma princesa oriental e, também, arrastava um pano encardido atrás de si: o da dúvida./Para Joni Mitchell e o Jazz.

— Eu sou tão constante como a estrela nordeste./ E eu disse, constante também na escuridão onde ela está? — Joni Mitchell cantava e seus segredos eram ouvidos na rua torta e esqualida. Yasmin virou o rosto, lentamente, para os fiapos do sol e nos seus olhos de sonhos tremeram os cílios. Depois desceu a ruazinha arrastando, atrás de si, o pano gasto e encardido da impossibilidade. Parou na esquina e deslizou para dentro do bar com seu passo lento de fêmea; finos ombros, largos quadris, cabelos escuros dispersos na pele de princesa oriental. Dirigiu-se ao balcão, sentou-se no banquinho magro e encarquilhado de longas pernas e pediu algo com voz alheada. Pôs-se a chupar o canudinho atenta à canção. Sentiu uns olhos pousados em si, como se um louva-deus no gradil da varanda; girou o longo pescoço e, tal fina lâmina, ele estava ali, perfurando seu vulto, retalhando-a em tiras esparsas que iam como serpentina desenrolando-se, descolando-se de sua memória, abrindo as portas, afastando as cadeiras de sola e as mesas de madeira tosca do bar; dissolvendo os ruídos e abstraíndo as pessoas e as coisas; entanguindo seu grito. Joni Mitchell sussurrava: — Se você deseja-me eu estou no bar — Sangrando, o corpo clamava pelo seu dígito e a saliva de sua boca morna. Fitou-lhe os olhos turvos e malignos e, agarrada às pupilas, pulou. Mergulho fundo na escuridão da córnea imantada. Sentiu suas mãos tateando-lhe o corpo e os nós dos dedos nos bicos dos seus seios. Da pele, o grito afinal britou: Ei-lo, doce cravo, a despetalar sua rosa orvalhada, lambuzada de mel. — Oh, você está no meu sangue como vinho sagrado/e você sabe tão amargo e você sabe tão doce — Joni Mitchell continuava. Yasmin, arfando, arrastou o pano encardido de volta ao quarto da dor. Era quase manhã e o sol tecia, inodoro, imputável, alheado e quimérico. Desmemoriado, apagava as lembranças dos fiapos de luz. Yasmin parou na esquina e, sorradeira, mergulhou as mãos nos bolsos esvaziando — os do objeto do furto: A Canção.

Como num jogo infantil, acasalou cada palavra ao acaso, reordenou-as em outra simetria. Recriou: — Porque parte de você, a que eu sou, pulsa fora de mim, meu amor, nesta longa, longa, longa linha, sagrado território, raro e irrisório, inútil pedaço de chão que vem do tempo e parte para o tempo, arfando no eterno caos, no sempiterno movimento: orgasmo/dor/orgasmo/dor. O sol, atento, tecia brilhante e imensurável o fugaz manto da cor. Yasmin exausta, cantou; seu canto era areia e vento sob a tenda abobadada de luz: — O amor toca-me a alma, tortura-me o ventre e eu sou, e eu sou, e eu sou. — Sentou-se na coxia, enrolou-se no gasto pano e soluçou. Misturada a Joni Mitchell e ao sol.

Jorge Alan Pinheiro Guimarães nasceu em Limoeiro do Norte, Ceará, em 17 de abril de 1961. Licenciado em Letras e mestre em literatura pela Universidade Federal do Ceará. Produtor Cultural e professor de literatura. Textos em prosa e em poesia publicados em revistas e suplementos literários do Brasil e do exterior.

Obras publicadas:

- *Caos Portátil* (contos). Fortaleza: Letra & Música, 1999.
- *Galeria de Murmúrios* (ensaio). Fortaleza: Edição do autor, 1995. (Cadernos de Panaplo).
- *Neverness* (poema). Fortaleza: Resto do Mundo/Letra & Música, 1996.
- *O Tange/dor* (poemas). Fortaleza: Edição do autor, 1991.
- *Fragmentos de Panaplo* (contos breves). Fortaleza: Edição do autor, 1989.
- *Ofícios de Desdita* (ficção). Fortaleza: IOCE, 1987.

## jorge pinheiro

Em antologias:

- *Almanaque de contos cearenses*, Org. Pedro Salgueiro. Recife: Ed. Bagaço, 1997.
- *Geração 90 – Manuscritos de computador*, Org. Nelson de Oliveira. São Paulo: Boitempo, 2001.
- *Geração 90 – Os transgressores*, Org. Nelson de Oliveira. São Paulo: Boitempo, 2003.
- *Antologia de contos cearense*, Org. Túlio Monteiro. Fundação Cultural de Fortaleza, 2004.
- *Os Cem Menores Contos da Literatura Brasileira*, Org. Marcelino Freire. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

P i e i r o

um incidente numa lama da noite

incapaz de compreender-me rolando no lamaçal sob a laranja bem madura e pregada no céu de luto, pressenti um perigo: a branca vaca passou novamente voando por cima de mim: aí os faróis de um automóvel me atingiram e, dele, homens surgiram armados, prontos a me atacar.

sem alternativas e proposições, ergui-me, lama e corpo, e anunciei: "por favor, homens, não atirem! não sou um lobisomem..."

mas eles não escutaram.

j o r g e

# AIRTON MONTTE

Antônio Airton Machado Monte nasceu em Fortaleza, Ceará, em 1949. Médico-psiquiatra formado pela Universidade Federal do Ceará; cronista do jornal *O Povo*, mas essencialmente poeta e contista. Iniciou-se na revista *O Saco*, onde publicou contos. Um dos fundadores do *Grupo Siriará de Literatura*. Estreou, no gênero conto, com *O*

*Grande Pânico* (1979), seguido de *Homem não Chora* (1981) e *Alba Sangüinea* (1983), Tem no prelo *Os Bailarinos*. Participou de algumas antologias: *Queda de Braço*: uma antologia do conto marginal, *Os Novos Poetas do Ceará III*, *Antologia da Nova Poesia Cearense*, *Verdeversos* e *10 Contistas Cearenses*. Tem também uma coletânea de crônicas – *Moça com Flor na Boca* (Fortaleza: FUNCET, 2004; Ed. UFC, 2005) - e um livro de poesia – *Memórias de Botequim* (Fortaleza: Ed. do autor, 1978 - Prêmio Governo do Estado do Ceará, 1978).

# O Guitarrista Espanhol

AIRTON MONTTE

Insegurança. Vertigem. Uma certa esquisita fobia das luzes lá fora do camarim. Tudo isso antes que a cortina se erga e me exponha aos olhos. Aos olhos multifacetados, maxilares contraídos, às sobrelhas críticas, pupilas que vigiam a presa, estreitas fendas reluzindo no escuro da platéia. As poltronas rangem, viciosas, buliçosas. Há pelo ar fervição, tresfuror, tesústia.

O camarim feito um sarcófago, um berço de recém-nascido, placenta. Acochado, sufocante, apesar do ar-condicionado a mil. Cabelos encharcados de suor. Maquiagem escorrida no rosto feito os restos de um parto, máscara mortuária, bagaço de flores. Dá impressão que estou de olheiras. Se bem que estou mesmo. Mas não era pra realçar assim. Fico melhor de olheiras? Bem mais intelectual? Mais boêmia? Mais artista? E por que artista tem que ter esse jeito de cachorro que apanhou demais do dono?

*Something in the way she moves.* A luz negra do meu destino cruel. Ah, cantei. Ninguém cantou tão lindo assim. Um canto de assassino, anjo vingador, bebê chorando no colo da mãe, acalanto, réquiem, tambores de guerra dentro de mim. Sei que tá todo mundo lá fora, minha patota, corte fiel, a de sempre, que coleciona meus discos como troféus de caçador. Todo mundo lá fora, menos ele. Ele não vem, nem virá hoje. Sacana. *For once in my life I need somebody.* Filho da puta, foi embora, me deixou na mão. Besteira de machão. Se mandou de casa só porque dormi com o guitarrista espanhol, o pianista italiano, o violeiro cearense. Me xingou de promíscua, boceta de lama, puta, galinha oferecida, o ventre numa bandeja feito a cabeça de João Batista. *Cold, cold heart.* Inútil paisagem em torno de mim. Espelhos, microfones, partituras, bilhetes de fãs, aquele agudo que desafinei outro dia swingando um blues.

Machão de merda, corno safado, cafetão. Gosto dele mais que de mim. *Cry baby, cry*, a barra pesou. Feito todos os outros não sacou nada de mim, do como é que eu sou, de como a minha banda toca. Meu coração é dele, do homem que eu amo. Lá isso é, por inteiro. Me desdobro, lavo cueca, faço comidinha, faço cafuné, acendo suas virilhas. Meu corpo é de quem me der vontade. Deu vontade no espanhol, comi. Como posso dormir com um homem amando outro desesperadamente? Não sei. Nunca me expliquei. Nem quero. Sou assim e pronto. Novidadeira, inconstante, volúvel, facho aceso dia e noite. Meu ventre é um fogareiro, vagina incediada, fornalha corporal, fogo de morro acima. Do tanto que costume arder. E queimo. Um tormento nas noites solitárias de domingo que ele passa com a esposa paralítica, cheia da grana. Vadia, cachorra troncha eu grito na cara dele e ele me enche de porrada, gritando: –Respeite a mãe dos meus filhos, respeite a mãe dos meus filhos, transtornado. Dá-me uma ânsia, um vazio, vontade de morrer.

Subo neste palco, alma cheirando a talco feito bunda de bebê, embora haja em mim uma encruzilhada com despacho de macumba. Macumba preta, poderosa, regada a sangue de bode negro. O uísque ajuda a descer um nó de cuspe, sabor de vidro e corte. Até parece que morro de medo do público. Nada disso. Vou lá daqui a pouco, encaro a manada de zebus e canto para tangê-la rumo ao matadouro ou ao encantamento. Meu fascínio, minha maldição. Vou como sempre, vou diante deles, encaro e canto. Não tem mistério. Vou sozinha, na marra, na porrada, no veludo-carícia de minha voz. Uma canção, um som vindo de dentro do meu inferno, do meu paraíso. Tomando-me as entranhas, boca, língua, lábios, diafragma, útero, o buraco do gozo. Eu canto toda. O canto sai de mim e bate neles na veia, feito um pico de coca. Todos sentados lá fora à minha espera, menos ele. Desgraçado. *You've got a friend*. Sei disso de cor e salteado. Ele não virá. Puxa. Nunca pensei que fosse doer tanto nele uma traiçozinha de merda. Não compreende que meu caso com o tenor polonês foi coisa de pele, sem menor importância? Burro, cavalo.

Outros homens nunca me deixaram marcas, além dos contornos azulados, roxos, vermelhos em minha branca pele, seios, coxas, nádegas. Qualquer modo, estou limpa de cicatrizes afetivas. A memória não guarda nomes, datas, locais, tempos, amores. Outros homens apenas passaram, se foram. Ele, não. Ele é meu homem vestindo uma camisa amarela na quarta-feira de cinzas. Meu moreno fez bobagem. Dessa vez, acho que o perdi. Coitado dele, coitada de mim. Acorda, amor, que eu tive um pesadelo agora. Sinal fechado para nós, ai.

Difícil conviver com tantos fantasmas entre nós. Sei lá, em mim não dói transas antigas. Nele deve doer. Se eu fosse você, eu

não voltava pra mim. Voltava sim, seu desgraçado. Não dói em mim ele dormir com outra mulher. Dói muito nele eu trepando com outro, sei disso. Sinto, percebo. Incompatibilidade de gênios. Garçom, se o telefone tocar e se for pra mim, vá e diga pra ele que vivo melhor assim. Mentira, mentira noturna de bar. Que posso fazer? Sou assim tão eu mesma. Meu corpo não sabe de freios, limites. Não sou eu quem vai domá-lo. Gosto do jeito que sou, tal e qual. Ora porra, eu canto pra caralho e ele ainda quer que eu seja fiel?

Lembro. Depois de cada briga, ele mais que puto dentro das calças, depois de me encher de porradas (por vezes merecidas) eu começava a cantarolar *I'm a Blues* imitando Billie Holiday, enquanto ele bebia e bebia e mordida os lábios pálidos de ódio. E eu cantando "tire a moça da cabeça ou mereça a moça que você tem". O Chico me dava uma certeza, uma segurança no meu destino, essas coisas de mulher que os homens não entendem. Na última do guitarrista espanhol, ele se mandou. Sem retrato, sem bilhete, sem violão, sem luar. E hoje vive a me difamar, certamente. Arrumou seus teréns e se foi batendo a porta com tanta força que o trinco quebrou. *If you go away. Get back to me*, é preciso coragem pra despertar de um sonho bom.

Mais um pouco, estarei lá, entre as feras. Fazer com que entrem na minha. Que vibrem na mesma sintonia. Eu e eles, juntos. Feito ir pra a cama com um carinho tesudo. Desses que me deixam molhadinha só com o olhar. Pois é, *solamente uma vez besame mucho como se fuera esta noche la última* do universo inteiro. Assim que me sinto em relação a eles, o respeitável público. Um corpo único a que devo seduzir. Aí minha sensualidade explode como uma galáxia, divina, maravilhosa, poderosamente terrível. Eu e minha voz. Brilhando intensamente, ao mesmo tempo perto e distante. Agora eu sou uma estrela, a voz de todos nós. Eu e eles envoltos numa aura de minha voz, em cima, embaixo, na frente, atrás, lá e cá, uma coisa que vai e vem dentro de mim num trem gostoso que nem. Nem vou dizer. Eu canto. Fico arrepiada. Olhos nos olhos. Meus bicos dos peitos crescem, o clitóris se encrespa como se eu estivesse prestes a emprenhar não sei de quem. Quanto mais rápido em cair em cima deles, melhor. Sossego.

*Tu me acostumbaste*. Tá na hora agá. Vontade de voar numa clave de fá. Estarei pronta? Estou. Digo pra mim mesmo: merda! Onde andarás nesta noite vazia? Com quem estás agora? A gente nunca sabe como vai ser mesmo. Só na hora. Eu e eles. Minha voz entre nós, cada vez mais dentro. Acendo unzinho paraguaio. *Smoke gets in your eyes. As times goes by*. Minha voz em volta deles, ímã, visgo de pegar passarinho, *purple haze*. Eu sonhei que estou tão linda, minha voz esplendor. Minha voz. Anzol abstrato dos peixes-alma, sei lá o que esta coisa louca que mexe, remexe, bole, aflitiva, tremeção gostosa antes do próximo orgasmo.

Entre o camarim e o palco, luzes, surpresas, vertigem, medo, susto, *I should have know better*. Subo cada degrau com pânico de cair. *I´m fall in love*. Agora, no centro do palco feito uma flor indecifrável, esfinge, esperando o descerrar das cortinas vermelhas, olhos semicerrados enquanto os músicos afiam os instrumentos. Só ando sozinha e no meu caminho o mundo é cada vez maior. *Tomorrow is a long time*. Que falta me faz meu táxi lunar. *Like a rolling stone* numa ponte sobre águas revoltas. Fecho os olhos, viajo plena de mim, rouxinol, voz e voz, a minha voz, desespero, gozo, coisa mais linda que existe.

Quando o canhão de luz finalmente tocar meu rosto, meu corpo, todos me verão como sou agora no centro do palco, soberba, órfã de tudo. Palco iluminado, minha vida. Sou uma deusa pagã, enlouquecida, em cujas veias o sangue ferve de símbolos. Todos ficarão seduzidos, eu sereia cantando no alto do rochedo muito distante, para muito além deste mundinho acanhado demais para o que trago na garganta. Eu sou as luzes da ribalta, a fascinação encarnada, a voz misturada de Deus e o Diabo.

A voz cresce na goela, grito alado. E eu querendo um xodó feito a menina da ladeira, morena marina, Amélia, mulher de trinta. A voz fala por si mesma. A voz só é no que sou agora, no palco. O som, a música, o ritmo, o *feeling*, o bater do coração geral. Nem todo mundo é filho de Papai Noel, seu filho da puta. A voz me rasga a alma feito um frevo crivado de adagas. Foi quando eu topei com você. Você de camisa listrada, canivete na mão e me bateu na cara e me dobrou os joelhos. E o sax cortando o silêncio do palco, soluço abafado, *Stella by Starlight* sou eu. Não vou passar a vida esperando por ele, cantando um samba de uma nota só. Eu sei que vou te amar, desesperadamente eu vou te amar.

Nunca mais a chama de seu olho verde, olhar tão tímido, tão ingenuamente impuro, o dele. O fogo do desejo em qualquer homem, em qualquer mulher que me deseje, o fogo do desejo de todos, menos dele. Ficarei mais sozinha no centro deste palco imenso, igualzinha a uma flor que se derrete e afunda lenta no charco da beleza. Esfinge. Pra que mentir? De palavra em palavra, metáfora. *I´ve got under my skin night and day*. O medo de amar é o medo de ser livre. Tirem o meu sorriso do caminho que eu quero passar com a minha dor.

# DIANA MELO

Diana de Oliveira Melo nasceu em Fortaleza, Ceará, em 23 de junho de 1982. Graduada em Letras, pela Universidade Federal do Ceará, e pós-graduada em Comunicação e Mídia Contemporânea. Tem conto publicado na revista *Ficções* (Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2004), crônicas no jornal *O Povo*. É inédita em livros.

# Só pra ver se o menino dorme um sono bom

Tremeu ao ouvir o *checo checo* das sandálias. Sabia que vinha bufando só pela força do pé, no que resmungou algo incompreensível. Problema nenhum. Ranzinzas não merecem pedidos de reprises. Mas ela não esperava gentileza alguma para ser compreendida. Repetiu de imediato percebendo a cara de dúvida do moleque. *Pensei que teria um pouco mais da vida!* Ótimo, demorara para trazer suas desagradáveis e desnecessárias frases do dia. Ele até quis saber se não era tanto, bem mais que esperava. *Desbocado!* E logo soltou uma gargalhada que lembrou as bruxas do filme chato reprisado na tevê, à tarde. Deboche. Como se dirigisse o lamento a algo ou alguém. Onde? Quem? Ele não achava. Sabia apenas que olhava a parede, enquanto abria uma lata de cerveja. Inclinou a barriga grande de lado e tornou a dizer coisas difíceis, estranhas. Sem saber, mas eram sórdidas. Supunha, absoluto. Enfiou os dedos nos ouvidos por um tempo, enquanto a gorda gesticulava sozinha, muda, engraçada. Catou musiquinhas na cabeça, encontrando aquela do soninho sossegado. Começou a rir. Parecia que pronunciava cada pedaço da canção, logo descompassados pela cara feia ao ver tanto sorriso. Longe de deboche. Mas ele perguntou, encucado, o que ela esperava e não ganhara. Jogou a lata para o alto, calada, e virou demorada, de costas. *Um dia tu entende, pivete!* Não, ele não queria saber. Queria puxar papo. E aprendeu que, todo dia, antes de ela dormir, podia tapar os ouvidos e olhar suas reclamações cantadas como ciranda, andoleta ou lagarta pintada. Só quando já roncava, que podia pensar no que teria sido negado: o amor do pai, o emprego, o fiado da venda, a vasilha do bolo quebrada... Enumerava como quem conta carneirinhos. E nunca mais o *checo checo* significou ameaça. Os ouvidos desligados, em atenção ao que tocava dentro. E a vida sempre deu de muito.

# CARLOS NÓBREGA

Carlos Alberto Medeiros Nóbrega nasceu em Fortaleza, Ceará, em 29 de outubro de 1955. Recebeu os seguintes prêmios literários: I e II Prêmio Cidade de Fortaleza (FUNCET, 1988 e 1990); Prêmio Estado do Ceará de Literatura (SECULT, 1993); Prêmio Osmundo Pontes (Academia Cearense de Letras, 1995); e o Prêmio Estado de Minas de Cultura – XVI Emílio Moura, com *Breviário* (Governo de Minas Gerais, 1994).

Tem editado os livros *A sono solto* (1988), *Outros Poemas* (2000) e *Breviário* (2003); e inédito *Árvore de Manivelas*.

# Véspera

Por que o sono não vem? Nunca, desde que estou nesta casa escutei o relógio bater tantas vezes. As louças já não estão lavadas, os dois meninos já não estão dormindo? Então?: Já não fiz tudo na minha vida? Ah, lembrei: falta passar o pano na cozinha. Mas minha patroa é miserável mesmo: essas fraldas velhas como pano de chão não ajudam.

– *Rita, corre lá na roça, chama teu pai, depressa, tua irmãzinha já está saindo.*

– *Mas, mãe, se ela não existe, como é que já está saindo?*

– *Vai logo, diabo.*

...Rede chata, esse armador rangendo. Queria ser aquela barata ali da parede, que vive sem fazer zoada... Ave Maria, cheia de Graça, Senhora é conosco...

– *Mãe, por que as outras meninas estão com vestido de primeira comunhão e só eu com esse vestido encarnado velho?*

– *O vestido não tá lavado, menina? Pára de querer ter tudo. Tu, que hoje vai receber a hóstia sagrada pela primeira vez, Deus pode te castigar e virar sangue na tua boca.*

Queria muito dar uma leitura nos Salmos. Essa Bíblia devia ter umas figuras como os livrinhos de cordel do mestre Antônio.

– *Dona Mundinha, chamamos a senhora, olha, não adianta, a Escola já fez de tudo, a Rita não consegue aprender. É todo dia essa cara parada no tempo, o olho espichado para a merenda dos outros meninos. A sua filha parece que não existe.*

Calor, aqui. Bem que D. Germana podia deixar neste quartinho aquele ventilador que vive parado no depósito. Se o acendedor do fogo não fizesse esse arranhão na calada, eu ia amornar um leitinho; se

o chuveiro não fizesse barulho, eu ia tomar um banho; se a vida não fizesse barulho podia ser até bom...

– *Raimunda, água do céu não vem mais, e a roça 'tá se acabando. Vai botando cada vez menos comida no fogo, senão daqui a pouco não tem mais é nada.*

Vou ligar o radinho. Bem baixinho, pra nem eu mesma escutar. “Olha você tem todas as coisas/que um dia eu sonhei pra mim”...

– *Ritinha, deixa eu ver só mais uma vez... Agora bota a mão aqui, ó, bem aqui, que eu te dou esse bombom.*

– *Isso não é bombom, é um pedaço de rapadura.*

– *'Tá doida? Não está vendo o papel celofone? Pega logo aqui, senão digo ao teu pai que tu pegou ontem.*

– *Mas eu nunca peguei, João, só fiz mostrar, nunca peguei...*

Essa dor nas costas que não me larga. É esse tal de aspirador que a patroa me obriga a usar. Ou essa banda da rede que é muito torta. Meu Deus me deixa dormir: Juro que não vou sonhar.

– *Não, pai, de correia, não, ai, ai, dói muito... Eu nunca peguei, pai, nunca peguei, ai...*

– *Toma, toma, tu não serve pra nada mesmo, não quer ir pra roça, não quer estudar, só quer fazer coisa ruim. Tu só serve pra apanhar.*

“Tem os olhos cheios de esperança”... (clic). Me levantar de novo. Um copo d'água. Ah tomara que amanheça logo. Bom era no tempo do rio cheio, eu mais a Marilu, as outras meninas, tudo brincando de pular do galho do pé-de-oiticica. Tudo gritando, rindo, cantando... Esse sonzinho da torneira do filtro, esse eu gosto porque é miudinho como asa dos mosquitos no meu pé-de-ouvido.

– *Mulher, não chove mais neste mundo. Não tem mais nem calango de garrancho correndo por aí. Amanhã o caminhão do Genésio vai para a Capital. Manda a filharada para a casa do Galdino.*

(O pó, o sol, o solavanco, o ranger das engrenagens do caminhão; e depois da viagem, um emprego, outro, outro... E os dias, os dias pouquíssimamente desiguais).

Boca seca. Esse armador rangendo. Estou mais magra do que no ano passado. Amanhã é meu aniversário. Será que Marilu vai se lembrar?

**L U Í S  
M A R C U S  
D A S I L V A**

nasceu em Fortaleza, Ceará, a 16 de outubro de 1964. Ficcionista, tem textos publicados em fanzines e suplementos alternativos. É membro do grupo literário Academia da Incerteza. É inédito em livros.

# PEDRADA

L U Í S  
M A R C U S  
D A S I L V A

*"Eu quero ser sempre aquilo com quem simpatizo,  
eu torno-me sempre, mais tarde ou mais cedo,  
aquilo com quem simpatizo, seja uma pedra ou uma ânsia."..*

(ÁLVARO DE CAMPOS)

Atmosfera comprimida, cidade abatida sob densa garoa. O mês de agosto desfila seus infortúnios através de pequenos acidentes disfarçados. As garrafas expostas nas prateleiras do bar transformam-se em oráculos para regozijo dos ossos. Uma disputa de crianças na base da pedrada, crianças em fase de barulho quase adolescentes. As pedras são atiradas entre gritos de guerra, pequenos insultos, trocadilhos mesclados de inocência e de vez em quando algumas expressões vulgares. Os carros passam na avenida, pontos luminosos na umidade distante. As pedras zunem pelo ar. O modo como as crianças riem é como se o brinquedo reservasse uma conotação de flerte com uma ponta de crueldade. A cada pedrada os risos e os insultos são dirigidos com a mesma intensidade do projétil. A garoa matraqueia no teclado dos telhados e serpenteia na desolação das ruas circunvizinhas. Um dos garotos abandona a linha de ataque e corre em direção à mercearia imitando a onomatopéia de um personagem de desenho animado. O carro do lixo passa em ritmo de tartaruga mastigando latas e devorando os vestígios e miasmas do cotidiano. O garoto sai da mercearia abraçado com um vasilhame grande da

“lama negra do capitalismo” e vai abastecer a sede dos seus companheiros. Um deles levanta alto o vasilhame como se fosse um amuleto a vencer a contenda. Um casal mistura-se num abraço embaixo de um toldo que proteja uma sombra contra as suas faces. Dentro da mercearia, as pessoas olham-se nos olhos como se compartilhassem de uma cumplicidade desesperante entre conversas banais e vazias de álcool. A batalha continua acirrada. As pedras retinem no poste com um baque surdo e, vez por outra, ameaçador. Um dos grupos perde terreno e é obrigado a recuar até um canto de muro para usá-lo como escudo. Um cão late oculto em algum quintal, quem sabe enviando uma mensagem aos outros cães ao redor para afastarem-se da linha de fogo. A resposta à sua mensagem é o lamento brusco de um freio de automóvel ao longe. No interior da mercearia há pôsteres de mulheres nuas, que embalam o onanismo mental dos celerados, ao celebrarem suas alegrias e tristezas ao som da bravata de copos tilintando e chapinhas de cerveja sendo retiradas energicamente. A garoa persiste, sendo cortada pelo barulho e a inevitabilidade das pedras. Ao fundo da mercearia, um casal sentado em silêncio como se a umidade do ar desfizesse qualquer pensamento a nível oral. Em estado alterado de narcose, um rapaz observa o itinerário das pedras até elas perderem-se pelo chão. A TV rosna um comercial através de uma janela, enquanto sapatos rangem pelas calçadas à procura de abrigo. A meninada continua espantando o tédio na base da pedrada. Algumas pedras cruzam o ar e rolam escondendo-se em frestas mal iluminadas. Porém outras não têm a mesma sorte, continuam por repetidas vezes cortando o ar até sumirem em outra rota. O ar infesta-se do cheiro úmido de areia e água de mar, e mistura-se aos sacos plásticos e outros materiais. Lixo impossível de destruir a memória da passagem humana pelo cosmo. Matéria que ficará indo e vindo até encalhar de acordo com o fluxo da maré. A alegria de estar com alguém tem a mesma semelhança do tiro rápido de uma pedra: o coração e corpo da pessoa às vezes estão tão próximos, mas num piscar de olhos afastam-se como um rápido impacto. A batalha primitiva continua no seu apogeu. Às vezes dá vontade de correr pelo meio da pedraria e sentir o impacto nas partes mais diferentes do corpo. A vadiagem habitual dos gatos é ceifada pela impertinência do clima. O horizonte sobre os telhados des-

norteia os brilhos semi-noturnos com lufadas imponentes de vento nas folhas das árvores. As luzes pesam e embaçam sob o peso de atmosfera. A corja de criança enfrenta-se com maior ousadia, pedradas certeiras e perigosas. Alguém lança uma bagana de cigarro da porta da mercearia que faz uma curva tal qual um pirilampo abatido. O barulho de uma motocicleta altera um pouco a monotonia que se sucede quando as crianças dão uma trégua para tomarem um pouco mais de refrigerante. A tarde esvai-se no doce refrigerante delas, e em várias tentativas de embriaguês aqui dentro da mercearia. A bolha de chiclete explode no exato momento em que um dos meninos atira uma pedra pra valer. A resposta do outro lado é imediata. A contenda toma proporções enervantes numa troca seqüenciada de tiros que rolam, batem, deslocam-se, se espatifam e zunem mais rápidas pelo ar. Meu coração vai aumentando suas batidas de acordo com o ritmo da pedraria. A pedra atirada com maior força cruza em um ângulo maior com outras, enquanto acompanho-a até perdê-la de vista. No seu curso, nada a impede de espatifar o vidro de uma janela. Algumas crianças espalham-se amedrontadas, outras disfarçam suas danações em brincadeiras mais sutis. Uma porta se abre e dela surge uma velha com um cachorro ao colo, vociferando sua indignação contra a molecada ao redor. De repente sua expressão misturada à atmosfera pesada é atingida por uma pedrada. Seu rosto abre-se num talho entre os olhos e a boca. O sangue esguicha para todo lado e pinga na calçada misturando-se à umidade da garoa. Nesse instante, alguém anonimamente pressiona uma tecla e um rock pesado derrama faíscas sobre as cenas deflagradas.

# JULIO LIRA

Júlio César Fernandes Lira nasceu em Fortaleza, Ceará, em 28 de novembro de 1959. Educador e Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade de Fortaleza. Prêmio Domingos Olímpio de Literatura, da Secretaria de Cultura de Sobral, em 2002, e Prêmio Literário Cidade de Fortaleza, da Fundação Cultural de Fortaleza, em 2003.

Livros publicados:

— *A História inacabada de Maria Rapunzel* (Fortaleza: Fundação Demóclito Rocha, 2002).

— *Graciano* (Fortaleza: Fundação Demóclito Rocha, 2003).

## ALEGRIA

Eu subia os degraus chumbados na parede do centro esportivo, alcançava o telhado, avançava mais e ficava sobre a caixa d'água esperando por ela. O bairro dali tão outro, as pessoas tão macias. Poderia até deixar-me cair (Nada a ver com os punhais de cabos fincados no barro endurecido que imaginava em dias de *nóia*). O céu azul. Poderia até abrir os braços, não fosse ridículo, um *junkie* brincando de gaivota, não fosse arriscado expor o mocó e nunca mais poder voltar ali, afinal o que mais a cidade tinha a oferecer? Até outras coisas, certo, entretanto, nada, nada como aquele lugar. As autoridades, os homens ficam pensando em mil coisas sobre o que fazer com a cidade, mesmo que não façam, dizem que querem fazer e isso já é suficiente para começar a mudar, muitas vezes para pior, um lugar. Os homens não percebem que às vezes não deveriam fazer nada, que devem existir espaços na cidade onde não se intervêm, lugares baldios mesmo, onde movimentos subterrâneos podem eclodir. Sei, você quer que eu fale sobre o maior amor da minha vida e estou me desviando. É que as cidades foram outra paixão.

Alegría  
Del estupendo grito  
De la tristeza loca  
Serena,  
Como la rabia de amar  
Alegría  
Como un asalto de felicidad  
( Dragone-Tadros-  
Messe /Dupéré)

Também procurava por ela na lojinha de vinis. Talvez estivesse por lá com sua garrafinha de água mineral. Para todo lado eu dava de cara com gente séria, os braços se agitando num vai-vem, as direções mudando subitamente, subindo elevadores, abrindo, fechando portas,

seguindo em calçadas estreitas, e eu chapado no meio do burburinho, meus pés batendo, os ombros, os quadris respondendo a um ritmo que vinha sabe Deus de onde, uma melodia que catava uma ou outra cena, o casal de namorados, a criança subindo para os braços do pai, a tarde azulando, a luz no carro de pipoca, e, na improvável cidade, o rosto cansado de um, uma gotícula deslizando sobre a pele, deixando em rastro uma ruga, delicada gavinha.

Qual dessas lembranças será verdadeira? Vez por outra alguém me corrige, não foi bem assim, esse não era você, esse era o Gera, não foi o Pavão, foi você que desceu a parede da loja feito uma lagartixa, foi você que invadiu, alta madrugada, depois dos ácidos, a escola de natação e ficou dançando feito índio. O Frankenstein que me chega, memória recomposta, pode ser débil e frágil, mas ainda assim me serve e revisito-me dele como se não houvesse outra opção.

Eu desistia de encontrá-la e ia para lugar nenhum, para a galeria do rock, para os supermercados beber uísque e comer chocolate longe das câmeras, não fazer nada, tentar segurar o tempo, colocar-lhe arreios e meu corpo como carroça. Cavaleiro triste, o homem, quase de pé, como seu chicote girando sobre a cabeça, ameaçando e abrindo os pulmões, ridícula grandiloqüente silhueta estalando contra o céu avermelhado. A montaria, quando subjugada, segue lenta, sem sobressaltos, deixando o cavaleiro até dormir, tranqüilo pelo trote suave, pela certeza de que a noite persegue o dia e o dia persegue a noite, pelo menos até os olhos se abrirem e perceberem a lonjura do lugar nenhum onde se meteu.

Estar só não me impedia, nunca me impediu de andar por aí. As viagens mais importantes se fazem só. Vez por outra eu ia a algum cemitério como quem vai a outra cidade. Não que lá o mundo transpirasse, mas podia caminhar lento por aquelas ruas, ouvir vozes tremulando em línguas de velas e nem por isso sentia-me mais ou menos insano. Como quem joga milhos para os pombos, os mortos atiravam-me lembranças: o equilibrista que em uma noite planejou escorregar o pé sobre a corda, assim sem mais... O homem que se aposentou e foi ser barbeiro de bairro, cheirando a lavanda e a talco, com a serenidade que nunca pensou ter... Bastava seguir pelas alamedas, se não quisesse ouvir as vozes calavam, acho que calavam, não lembro bem.

Procurava por ela nas escadarias do teatro, pedia empanadas no D. Diego, provava uma de escarola quase a vendo pelo espelho sentada ao meu lado, e andava, andava a ermo, passava pela biblioteca municipal, mergulhava durante uma ou duas horas em algum livro e voltava às calça-

das. Até o chuvisco era uma desculpa para ir adiante, como se um policial de filme desse o comando “circulando, circulando!”. Esta inquietação levou-me aos ensaios de escolas de samba, às casas de forrós, às gafeiras, a todo lugar onde pudesse atravessar a noite como um tanque atravessa uma cidade rendida.

Por que ela sumiu? Como uma papoula vermelha desaparece na mão de um mágico e surge atrás da orelha? Truque. Um dia, décadas depois, ela irrompeu sala adentro, os bicos dos seios já não eram mimosos, mas ainda não conheciam sutiã, falava, desengavetava fatos, as viagens de carona, a exposição em Paris na Casa do Brasil, a temporada no Haiti, o primeiro casamento, os Médicos Sem Fronteiras em Ruanda, os filhos em Lyon, o amante das sextas, o milimétrico e renitente melanoma, os exilados de Ruanda, *la vie avec Ian*, a casa de tijolos vermelhos e cornijas azuis. A boca não parava, os seios já não eram meus, seguia-lhe um véu com cheiro de leite e um cortejo de crianças e vizinhos, até que, subitamente, desapareceram todos atrás de uma porta. Quando olhei, só

uma Flor

Pedro Henrique Saraiva Leão nasceu em Fortaleza, Ceará, em 25 de maio de 1938. Médico e professor da Universidade Federal do Ceará, é poeta, embora se aventure também por textos narrativos. Editor da *Revista Literapia*, órgão literário da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores. Pertence à Academia Cearense de Letras e à Academia Cearense de Medicina. Títulos publicados na área de Literatura: Poesia: *12 Poemas em Inglês* (Fortaleza: Imprensa Universitária, 1960);

## PEDRO HENRIQUE SARAIVA LEÃO

*Ilha da  
Canção*  
(Fortaleza:  
Edições

UFC, 1983); *Concretemas* (Fortaleza: Xisto Collona Editor, 1983); *Poeróticos* (Fortaleza: Ed. Nação Cariri/ Imprensa Universitária, 1984); *Meus Eus* (Fortaleza: EDUFC/Casa de José de Alencar, 1995); *Trívia* (Fortaleza: EDUFC, 1996); *Circunstâncias* (Fortaleza: Ed. Poetaria, 2003). Ensaio: *Dicas para um Jovem Poeta* (Fortaleza: Ed. Poetaria, 1998); *Poesia Concreta no Ceará* (Fortaleza: Ed. Poetaria, 2001); *As plumas de João Cabra* (Fortaleza: Ed. Poetaria, 2002).

sacumé,

né? Nunca gostei tanto do cara. Posudo, bonitão, muita brilhantina.  
Cheiro forte (até) demais.

No forró chegou perto de nós:

Dá licença, D. Vicença?

Voltearam, colados, parece até que ela gostou. Puxei o punhal  
e misturei o sangue dos dois.

Sou cornonão!

Carmélia Maria Aragão nasceu em Sobral, Ceará, em 18 de agosto de 1983. Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Ceará. Premiação em vários concursos de Literatura na categoria conto: Prêmio Ideal de Literatura, Concurso de Poesia e Conto do Colégio 7 de Setembro e Concurso Domingos Olímpio de Literatura. Tem crônicas publicadas pelo jornal *O POVO*, contos e artigos em francês publicados pelo *La Voix du GEF*. É inédita em livros.

**CARMÉLIA ARAGÃO**

2003

Por enquanto ainda o escuto, mas já estou indo para longe, vou para onde está *Carmina*, onde deixei Marco Luchesi no almoço, vou através destas habituais colheradas de sopa, vou para uma vida em que ele, meu marido, não sabe e que não aconteceu.

Passaram-se alguns meses e a aquela impressão de que o amor era uma doença não havia passado. Era labirinto com cheiro de éter e paredes de azulejo branco. O amor era perder todas as oportunidades, inclusive a do novo amor: Ah, Esse aqui? É meu marido... (Tarde demais: agora aquele outro vivia com uma ruiva lindíssima, filhos e fotos em países exóticos durante as férias). Pequei muitas vezes com pensamentos e palavras, atos e omissão, por minha culpa, minha tão grande culpa vou te dar meu cartão. E ele ligou. Assim conheci Marco Luchesi. Um novo restaurante. Um novo vinho. Novas piadas. É burro o amor que trai à noite. Amor que dura para sempre, uns 56 anos, trai ao meio-dia. Marco Luchesi, profissional liberal, mas eu sabia, era dono daquela lojinha de computadores que estava na malha fina. No entanto, hoje: "Marco Luchesi, o empresário". Era meu dia de Madame Bovary. Calcinha apertada. Risos. Ironicamente o encontro era vizinho à Receita Federal. Músicas em comum. Livros em comum, menos os de auto-ajuda (escrúpulos de professora). Era um homem simples. Eu também queria ser simples.

- Que você faz?
- Sou professora.
- Então, vou me comportar bem.
- Isso seria imperdoável.
- Você ensina o quê?
- Literatura.
- Mesmo?
- Mesmo.
- Amanhã vou lançar um livro — ele estava radiante com a descoberta. — Espere um instante, vou pegá-lo no carro e um convite para o coquetel.
- Claro, ri sem riso, claro.

O tal livro era de dar inveja às publicações da Universidade, trabalho gráfico de primeira, cheirando a papel de boa quali-

dade, capa vermelha e título feminino: *Carmina*. Uma heroína com potencial. Viver em 2003 é uma felicidade, qualquer um edita um livro, até Marco Luchesi. Que potencial ele poderia dar a alguém? Meu marido era um bom poeta, escrevia sob álcool, nunca gostei. Existem métodos para se escrever. Rituais. Qual seria o ritual de Marco? Clarice gostava das madrugadas e do rádio. Marco não era Clarice. Tenho que agradecer meu futuro amante que escreve. Caí novamente nessa malha fina: escritores. O romance não era tão medíocre, apesar de linear e trágico. Uma “heroína com potencial”.

Saí do restaurante com a sensação de ter sido observada durante meu almoço. Sei que os traidores nunca tiveram um *happy end*. Mas fui enviada: queria salvar-me do tédio. Ter meu dia de Madame Bovary.

Logo à noite, no lançamento, fiz elogios ao escritor, fiz também observações. Ele levava a ficção muito a sério, sua “heroína tinha potencial” (que terminologia!): filha única, mimada, pequeno burguesa, por que aquele final de boletim de ocorrência: “nada mais disse”? Marco, arrogantemente, me sorriu um sorriso humilde. E de repente eu, eu não queria mais um amante. Era medo. Eram milhares de livros de capa vermelha dizendo que eu era uma idiota. Eram *Carmina*. Era minha vida esperando em casa.

Desci do táxi faltando muitos quarteirões para meu destino. Que destino?

- Pare aqui! Pare aqui!
- Aqui não é nada, senhora.
- Aqui é tudo.

Choveria. Caíam pingos. Andei na chuva: não tinha nada a perder. Não havia mais coquetel, nem Marco Luchesi. Por que li aquele livro tão imprestável? Eu passava de preto entre os carros, sem nada a perder, andando na chuva. Minha mãe e minha avó acreditavam que meus sonhos pudessem ver o futuro. Mas eu mesma nunca acreditei neles. Sonhei querendo um amante e como revelação, nunca quis um amante. Passaram-se alguns minutos e a impressão de que o amor era uma doença havia desaparecido. Subestimei a capacidade de um comerciante que criava *Carmina*. Ninguém se chama *Carmina* impunemente. Senti inveja. Tudo é vaidade, dizia o Eclesiastes, até mesmo o tempo de amar. Se eu posso sonhar, que Eu exista. Que Madame Bovary exista. Que todas as personagens existam. Que todas sejam livres.

- Um raio.
- diabo me ouve.
- Risos.
- diabo não existe.

Uma grande obra ou um destino humano, perguntava mefistofelicamente o apresentador de TV. Alguns escritores não merecem as personagens que tem. O que aconteceria a Desdêmona se Otelo a perdoasse? *Carmina* era eu: um fracasso. Uma grande obra ou um destino humano? Minha mãe dizia: a vida, minha filha, é uma grande bobagem. Sim, mamãe, a vida é uma grande bobagem.

No dia seguinte fui novamente almoçar com Marco, desta vez para pedir desculpas e sumir. No entanto, Marco parecia mais velho, como se lhe tivessem passado os anos de ontem para hoje, roto, jogado na sarjeta. Falava com a garrulice de quem buscava, forçosamente, as lembranças. Estava totalmente embriagado. Disse-me que nunca esquecera meu olhar daquela noite, minhas observações sobre o cruel destino de *Carmina*. Sabotagem. Repetiu três vezes. Conheci escritores cujas personagens, à medida que o livro avançava, ganhavam vida, seguiam sozinhas. Mas naquele caso a história era finita: a minha e de Marco. Eu não queria mais. Marco estava bêbado às 13:30. Delirava. Disse-me que depois do coquetel encontrara *Carmina* no carro. O real tocava o maravilhoso. Dialogaram:

— Que você está fazendo aqui? Perguntara à mulher que estava ao volante.

— Vim te provar que ainda há vida depois de um “acho que as nossas distâncias deixam-me não querendo ser mais do que já somos”.

— Quê? — Marco sentia-se confuso, não pela situação estranhíssima, mas pelo decote: Que decote, que decote! Que pernas! Que peitos!

— Marquito, estou livre e vim atrás de meu *happy end*.

— Saia do meu carro!

— Eu, não. Aliás, quem dirige sou eu.

— E para onde vamos, madame? Ele também havia tomado ar de cinismo.

— Não sei.

— Não sabe, é?

— Não. Quem escreve é outro e bem melhor que você, Marquito.

— Outro quem?

— O narrador é onisciente, bobinho. Sabe, é meio kafkiano te dizer isso, querido, mas você está preso.

— ?

— Essa história não tem fim.

Depois de ouvir tanta alucinação, voltei para casa, alucinações cansam, dormi no sofá. Mas vez por outra sonhos me vêm a morte. Eu não vejo os sonhos. Quase perdi a hora de voltar para o trabalho. A vida, dizia minha mãe, é uma grande bobagem.

Anoiteceu. Observo meu marido. Por enquanto ainda o escuto, mas já estou indo para longe, vou para onde está *Carmina*, onde ficou Marco Luchesi, vou através de nossas habituais colheradas de sopa, vou para uma vida que ele, meu marido, não sabe e que não aconteceu. A felicidade depende de esforço. Vou para longe e caio:

— Sabe aquele gaúcho da loja de informática?

— O que houve com ele? Tremi.

— Morreu.

Decidiram que meu “novo amor” morreria às 14:30.

— Ele foi almoçar com uma mulher, depois o assassinaram. A polícia está atrás. Parece que ela chegou ao restaurante vendo sem querer ser vista. É o poder das câmeras. Os olhos que nos olham sem sabermos. George Orwell profetizou.

Depois do almoço com Marco voltei para casa. E agora, após meus vespertinos sonhos intranquilos, depois de uma sala de aula, tomando minha sopa, descubro que Marco fora assassinado. A mulher das câmeras era eu certamente, mas as mãos do gatilho não eram minhas. Não me preocupo. Não avançamos. Éramos bons amigos. Essa tarde, acho que sonhei com *Carmina*. Sonhei que ela me sonhava e como diria o poeta, não havia intimidade maior que a do sonho. Do modo como Marco estava alcoolizado só poderia ter sido ela quem o matou. Que delírio! Talvez aquele raio de ontem à noite tenha libertado *Carmina*. Enigma roseano: o diabo existe ou não existe? Ri: a vida é uma bobagem. Como era bom ser infantil de vez em quando!

— Mas a coitada da mulher está fodida e mal paga. Disse meu marido.

— Eu a conhecia — autobiografei — se chamava *Carmina*. Ela passou a vida inteira tentando fugir dos finais trágicos, mas nunca soube como se escrever.

— Se eu não fosse poeta, diria que você está estranha hoje.

Mas porque mesmo você disse que ela está perdida?

— Esqueceu o celular sobre a mesa.

Meu celular!

— É meio kafkiano te dizer isso, querida, mas você está presa: essa história não tem fim.

— Quem é você? Onde está meu marido?

— Adivinha, você é tão inteligente...

## **D I M A S CARVALHO**

José Dimas de Carvalho Muniz nasceu em Acaraú, Ceará, aos 28 de janeiro de 1964. Licenciado em Letras pela Universidade Federal do Ceará. Professor de Teoria da Literatura na UVA – Universidade Vale do Acaraú, publicou os seguintes livros: *Poemas* -1988, *Fruta, Ruda, Agreste Avena*-1993, *Itinerário do Reino da Barra* -1993, *Nicodemos Araújo, Poeta e Historiador* (em parceria) - 1995, *Mínimo Plural* - 1998, *Histórias de Zoologia Humana* - 2000, *Fábulas Perversas* - 2003 e *Marquipélago* - 2004. Conquistou os Prêmios Literários: Cidade do Recife (1996 e 2002), Ideal Clube (2001 e 2003), Cidade de Fortaleza (2000 e 2003), dentre outros.

# A REVOLUÇÃO SUBTERRÂNEA

O desperdício. O excesso.

Como vidro, bebo fogo, atravesso as paredes. Escalo os píncaros. De noite, o canto dos galos. Pneus rangendo no asfalto. A chuva que molha a lua. E a procissão dos ciganos, perambulando pela cidade, lendo as mãos das estátuas e das árvores. Raízes amargas me espreitando, o olhar malévolo na minha nuca. A revolução do subsolo.

Se me olho no espelho, só vejo os limites do abismo. Que resfolega, fera insaciável, guloso de carnes. Nuvens e antúrios se acumulam, enchem as praças e as ruas, afogam a cidade num delírio de cores impossíveis. Acúmulo de sons. Trovões que reboam. Dentro do banheiro, o dueto silencioso dos canos e dos fios. E, lentamente, imperceptível, pré-histórico, irreal, subindo, crescendo, aumentando o seu nível, o Mar, que já lambe os porões da casa e salpica as escadas do corredor.

Joan Edessom de Oliveira nasceu em Cedro, Ceará, em 07 de novembro de 1965. Licenciado em Pedagogia. É professor do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú.

Em 1996, ganhou o Prêmio Cidade de Fortaleza, na categoria poesia; em 1997, venceu na categoria conto na categoria conto, além do Prêmio Farias Brito de

## JOAN EDESSOM

Literatura, na categoria poesia; em 2000, ganhou mais

uma vez o Prêmio Cidade de Fortaleza na categoria conto e o Prêmio Domingos Olímpio de Literatura também na categoria conto; e, em 2001, ganhou, na categoria poesia, o Prêmio Domingos Olímpio de Literatura e o Prêmio Ideal Clube.

Publicou, em 1999, o livro de poesias *Com margaridas nos olhos*, obra premiada em 1997, no Prêmio Farias Brito de Literatura, e editada pela Secretaria de Cultura do Estado do Ceará.

# CAVALO CEGO

A cidade acordou ocupada.

Ao amanhecer tudo estava em poder deles.

Duas éguas baias, postadas à frente da igreja, revistavam as mulheres que se dirigiam à missa, cobertas pelas mantilhas. Cheiravam-nas e levantavam as suas roupas, sem levar em conta os seus protestos.

Quando o carteiro chegou ao prédio dos correios encontrou um ruço de passo miúdo a abrir todas as cartas, e a ordem seca, ríspida, para que sentasse e esperasse.

O cabo Valfrido e os três soldados foram trancados por um casal de tordilhos de crinas encrespadas, que ficaram examinando as poucas armas, enquanto uma égua rosilha jovem, ancas largas, chegada depois, dirigia-se à cela dos fundos onde os dois prisioneiros, pivôs de toda a situação, aguardavam assustados o interrogatório.

As nove horas o líder entrou na casa do Major. Todos o viram passar, um grande corcel negro, os cegos olhos refletindo os diversos azuis da manhã, guiado por duas potrancas brancas e escoltado por uma guarda de potros alazões.

Não se sabe o que conversaram durante aquela interminável hora, mas quando partiram as mães tinham motivos para chorar pelas três décadas seguintes.

CARLOS EMÍLIO  
CORRÊA LIMA

Nasceu em Fortaleza, Ceará, em 1956. Foi um dos fundadores da revista *O SACO Cultural*, em 1976. Publicou o livro de contos *Ofos* (Fortaleza: Ed. Nação Cariri, 1984); os romances *A Cachoeira das Eras* (São Paulo: Ed. Moderna, 1979), *Além, Jericoacoara* (O Observador da Litoral) (Fortaleza: Ed. Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 1982) e *Pedaços da História mais Longe* (Rio de Janeiro: Ed. Impressões do Brasil, 1997); e o livro de ensaio *Virgílio Varzea: os olhos de paisagem do cineasta do Parnaso* (Fortaleza/Florianópolis: Edições UFC/FCSC, 2003), que foi sua tese de mestrado em literatura brasileira, na Universidade Federal do Ceará.

Tem inéditos os livros: *Culinária Venusiana* (poesia); *Teatro Submarino* (pequenas peças teatrais) e *O Segundo Livro de Ofos* (contos).

Participa das antologias: *Queda de Braço*: uma antologia do conto marginal (Rio de Janeiro: Club dos Amigos do Marsaninho, 1977) e *Uma Antologia do Conto Fantástico*, org. Bráulio Tavares (Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003). Recentemente criou a revista *Arraia Pajeurbe* (Fundação Cultural de Fortaleza-FUNCET) e as *Rodas de Poesias*, recitais no Centro Cultural Dragão do Mar.

... PÁGINA 85

...novos seres diferentes, seres de conjunção. Podem: duas carruagens se cruzam em uma rua do Rio de Janeiro quase no final do século XIX; trespassáveis, uma mais veloz passa por dentro. Pois então surge um ser redondo, cabeça sol cinzento flexível, olhos de água e borracha, restos de nuvens na boca ou basta. Poeira de longínquo povoado saindo-lhe dos lados; cabeleira não-vista de cabelos rápidos, menos que a antipetra de um segundo. Empenas. Coto-velos de metal sombrio, profundos.

P.86... seres se moviam, quebra-luzes. Mesclas...as.

Vê, longe? Na altura, no oriente da vidraça? Fecham as praças. Zonas interditas. Áreas segregadas de chuvas demoradas. Ele passa. Eis que habita. Sabe-se que: movem-se as louças, para as carruagens seguirem os rastros de outras carruagens. Estamos quase nos exaurindo seguindo suas marcas. É preciso que ele surja, novo e bom, o Æo, o levantador de poeira nas estradas abandonadas, agora nas ruas de pavimento quente. Aqui depois. Só adianta isso: flagre a passagem do gigante Mazote. São trezentas partes pessoas. Dentro vai e um sino que bimbilha, um calor tem de vidro imenso o som amarelo do âmbar, por toda a cidade zonas de sono e lampiões. Deus se que vinha mais lento, vi-lhe o invento de um pé, uma fímbria de nesga, rastro de peixe-suor transparente transbordando-se, símbolos brancos de hélice, intensidades de água difratada, fios oscilando...

Abarcações. Começa-se aos poucos, sem mar o rumor, desmonta-se, como-se-in-do, vai sabendo-se no invento, separando-se todas as coisas e s e r e s l e t r a s que o compõem, sobrepujando-se, uma ponte fina de brisa dobrando-se entre dois vultos e três vogais numa esquina, um poste curvo e uma surdina de pessoa, coisa aumentada e nervosa... esquivando-se

STAFFORD

Vozes e sombras velozes muitas empilhadas em gozo de confusão. Rebimbalham. Bimbaralham. Trevas delicadamente lentas, procissões de ondulações para nunca serem vistas. Veja! Faça como eu, levante a persiana, observe-se essa coisa amarela e rápida e está longe. Filme-vapor de nuvens. Escute-se sua tranca-passagem. Ruas interditadas. Movimentos desconhecidos. Não se passa. Tempestades aprisionadas em grandes campos nos subúrbios. Enormes mangueiras brancas saem de dentro das janelas. Trombas. Cavilação e vácuo. Passos muito atrapalhados ouvem-se, como tábuas em ritmos de detritos. 1870 dispara. Montanhas são rastreadas. Couraçados de bronze muito imóveis. Ameaçadores comícios sem um som. Esculpe-se uma audição ali, aquela gente toda empilhada em equívocas aéreas juntas de gozo. Dizem que são 3002. Entrelaçamentos de coisas invisíveis e pessoas desviadas nas calçadas. Não sei: parece que falta um dos hiatos quando fogem os cavalos. Abandonam. Ou. Ave, se um grito enviado dos telhados. O ser organiza-se esperando em grandes pistas aplainadas mais afastados da cidade. Virá encoberto num túnel desencoberto. Ninguém o saberá num Tonel. Enorme isolado na planície de fronteira entre o aqui e o antes. O que é líquido dele não se pode sonhar. Aí então começará o seu primeiro trecho estruturado por tropéis e neblinas num galpão afastado de uma fábrica situada no horizonte oscilavelmente por distâncias faiscadas de uma árvore. Logo, após, as obras: outros, trens, bondes elétricos. Clareiras de vácuo entre as multidões. Pedreiras reinexploradas. O ser se muda. Outra. Você precisa ver o que estou vendo. Vez. Você precisa levantar da cama e ver por entre as dobras da persiana os ouros, os afastamentos. Evitará os incêndios... o ser bosqueja.

LUCIA  
BONFIM

Luciano Gutemberg Bonfim nasceu em Crateús, Ceará, aos 27 dias do mês de dezembro de 1971. É graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará e professor da Universidade Estadual Vale do Acaraú. Publicou: *Janeiros Sentimentos Poéticos — Poemas* (Crateús: Ed. do Autor, 1992) e *Dançando com sapatos que incomodam* (Sobral: Ed. do Autor, 2002). Tem conto no *Almanaque de Contos Cearenses — Org. Pedro Salgueiro* (Recife: Ed. Bagaço, 1997). Escreveu para o teatro: *As mulheres cegas* (premiado no Festival do Teatro Amador de Acopiara-CE/2000) e *Auto do Menino Encantado*.

DE NATUREZA  
CÍCLICA

— *Olho aberto, gritam os patriarcas.*

Não poderiam se descuidar da estrada; também preocupavam-se com as crianças, impacientes o necessário para se tornarem presas fáceis. Da última vez encontraram apenas ossos espalhados sobre o terreno.

Antes mesmo de o orvalho se despedir das folhas, homens se armam de pedras, pedaços de madeira e outros objetos que possam ser atirados à distância. Armas de fogo seriam inúteis: os animais podem se assustar e a menor imprudência será um desastre.

A fumaça vinda das fogueiras e chaminés esconde a ponte, e a cerração fecha o anoitecer.

— *Botem sentido...*

Do pequeno morro, cadeiras, bancos e o chão servem de miradouro; algumas pessoas preferem montar guarda próximo à ponte de onde têm uma larga visão do horizonte, evitando, também, maior aproximação da fazenda do coronel Galdêncio, que expulsa a tiros quem ousa desobedecê-lo.

— *A dor ensina...*

Não cochilavam em serviço, e quando alguém desiste do posto, indo rumo ao sul ou para o cemitério, seus netos ou parentes mais próximos não deixam descansar os cuidados. Antes mesmo de aprenderem os seus nomes as crianças nutrem raiva e medo pelo bico de ferro.

— *Urubu quando canta, não chove...*

Aqueles que não possuem animais, e até se beneficiam quando antes das formigas e urubus encontram carne fresca, torcem pelo 'inimigo'.

— *Quem não pode com o pote...*

Ao apito da máquina: gritaram pelas crianças e atiraram pedras como se fossem seus últimos atos em vida... Seguiu-se uma cortina de fumaça que sumiu a esmo; agora, apenas os trilhos paralelos cruzam o horizonte...

Aliviaram os gestos e começaram outro inventário.

...

No dia seguinte, como acontecia desde que foi instalada a ferrovia, iniciam a espera...

— *Olho aberto* – murmuram alguns fantasmas...

**NUNO GONÇALVES**

**NUNO**

Nuno Gonçalves Pereira nasceu em Recife, Pernambuco, em 31 de maio de 1977. Veio criança para o Ceará, onde reside até hoje. Graduado em História pela Universidade Estadual do Ceará e mestre em História Social pela Universidade Federal do Ceará, com a dissertação *A escrita da história na 'Trilogia da Maldição': Cantares de um anjo maldito*, sobre obras do escritor José Alcides Pinto. Publicou em 1998 o livro de poesia *Cacos de Cristo*, além do primeiro capítulo do romance inédito *O canto das onças*, na revista *ARRAIA PAJEURBE* (Fundação Cultural de Fortaleza/FUNCET, 2002). Tem contos publicados nas revistas *PA-LAVRA EM MUTAÇÃO*, *ETECÉTERA*, *GAZUA*, dentre outras. Participou dos grupos alternativos "Parafernália" e "Peleja da mosca". Seu conto "Caminho da novena" venceu o Prêmio Moreira Campos, patrocinado pelo Ideal Clube, em 2003.

**1.** O imperador me concedeu a graça da vida, mas não me deu a imortalidade. Esses besouros que se acumulam nas paredes e no armário onde minhas vestes aguardam o bolor, sabem disso e muitas coisas mais. Este condado não tem história, firmo meus pés nas nervuras do amanhecer, nuvem vermelha a desfalecer. Procriei, três ou quatro, homens ou ratos. A foto ao lado de minha escrivanhinha é do imperador. O livro no criado-mudo também é do imperador. No mundo sub-lunar tudo traz a impressão digital do imperador. Outro dia, fui acometido por uma gripe, precisei arrancar as banhas de um sapo, lá também havia a marca do imperador. A alma do imperador assemelha-se à alma de um jaguar. Ele caça, realiza feitos memoráveis e trança fábulas maravilhosas. O seu sono é tão pesado quanto o sol. Anda de um aposento a outro do palácio sem incomodar a noite, ou qualquer outra região do cosmos. A minha preguiça é o segredo do imperador. Sua refeição envolve sempre pratos exóticos, aromas sedutores. O imperador há de nascer um dia. Em que a água escassa da chuva caia sobre o vidro dos telhados.

## AS EXÉQUIAS DO IMPERADOR

**2.** O imperador tem dois filhos e uma pança invejável. Criadas, tapeçarias orientais e miraculosos elixires de alcova. Os lençóis do palácio são todos de sedas. O imperador não sabe o que é o nada e por isso sofre. Sofre um sofrimento tão sofrido como se sofresse toda a humanidade. O imperador, definitivamente, não é filósofo. Apenas um idiota seduzido por toda sorte de regalias e confortos que o seu destino metafísico pode lhe oferecer. Em sonhos, é um desbravador. Um raptor de mulheres, porém insensato e infeliz. Tatuado em seu braço está a águia do infortúnio. De sua nuca escorre o veneno das serpentes. Preso a seu calcanhar arrasta-se um selvagem escorpião. O imperador desconhece o reino que criou. Sua fauna, flora e preciosas relíquias lhe são inteiramente estranhas. Os silos do imperador não armazenam grãos, só olhos, dedos e cortinas gastas. O fogo do palácio não queima, é tão falso quanto os seios da imperatriz. A família do imperador é como todas as famílias do mundo – um desejo de morte, um abutre em extinção – embora à sua maneira.

### 3.

Como convém a todo imperador, se deixa tocar pelos súditos uma vez ao ano. No jardim cultiva esperanças, lagartas infantis e húmus. Adora peixes ornamentais. Sente-se agraciado pela divindade. A natureza para ele foi feita e dele recebe a beleza, por isso a contempla. Sua vaidade é a do tigre, sua formosura a do ogro. Quando morrer o imperador ficará sem lágrimas em suas exéquias. Executar-lhe-ão uma sinfonia frágil, de ossos quebradiços e sangue ralo. Será o fim de uma era, era uma vez um imperador. Raiam as primeiras horas do dia, seu corpo se desfaz na terra, minhas unhas crescem como horas de uma vida nova.

## Epílogo

O nome do imperador é volumoso. Sua pele, dizem as concubinas, tem sabor de torta de palmito. O colchão de seus aposentos é recheado de gorduras vegetais. A fumaça de seu cachimbo tem a graça de um pássaro em pleno vôo, da flor ferida entre as pernas arreganhadas da meretriz. Seus cabelos assanhados lembram o puro linho. Suas ilhas, seu mel, seus cavalos; assim é a retidão de seus desconhecidos desígnios.

As pernas do imperador estão cansadas. Suas estrelas melancólicas. Assim passam as luas neste reino fantasmagórico. Onde o vinho a ninguém causa repulsa. Apenas os loucos de lá partem, assombrados com a vivacidade das visões. Os cocheiros nos levam a todos os lugares. Os rios nunca secam. Um único náufrago não levitou à superfície. Dele, dizem o pecado.

Galhos secos, retorcidos, inválidos. Avista-se ao longe, após a figueira, o marco. Onde as bênçãos se derramam sobre os mortos. O biógrafo do imperador era calvo e sonâmbulo como uma criança.

Quem me contou esta história foi um encantado, um ser das matas, das brincadeiras e coisas sérias.

RONALDO  
CORREIA DE BRITO

Ronaldo Correia de Brito nasceu em Saboeiro, Ceará, 1º. de outubro de 1950. Com cinco anos mudou-se para o Crato e aos dezoito para Recife, onde estudou medicina e reside até hoje. Teatrólogo e ficcionista.

**Teatro para Criança:**

- *O Baile do Menino Deus*
- *Bandeira de São João*
- *O Pavão Misterioso*
- *Arlequim*

**Teatro Adulto:**

- *O Reino Desejado*
- *Retratos de Mãe*
- *Malassombro*
- *Auto das Portas do Céu*
- *Os Descantos do Diabo*

**Filmes para a Televisão:**

- *Lua Cambará* - Longa metragem para a TV Cultura em 1977.
- *Caboclinhos* - Documentário para TV Universitária em 1984.
- *Brincadeira de Mateus* - Documentário para a TV

Universitária em 1983.

- *Cavaleiro Reisado* - Documentário para cinema em 1973.
- *Brincadeira de Reisado* - Documentário para cinema em 1974.
- *Documetário sobre Maracatus* - Para a TV BBC, em 1992.

**Literatura/Ficção:**

- *Três Histórias na Noite* — contos. Prêmio Governo do Estado de Pernambuco de 1989.
- *As Noites e os Dias* – contos – Editora Bagaço – 1987.
- *Faca* – contos – Editora Cosac & Naif — 2003.
- *O Livro dos Homens* - contos - Editora Cosac & Naif — 2005.

# Mãe numa Ilha

RONALDO  
CORREIA DE BRITO

## D e s e r t a

Tarde. Uma ilha pequena no alto-mar. Bem junto à praia, uma casa pintada de branco e um farol apagado. Uma velha, sentada numa cadeira, segura um pequeno acordeom. Usa óculos escuros e um vestido azul. Quando não toca, deita a cabeça sobre o peito. Edmundo, de pé à sua frente, olha o horizonte.

– Mamãe, toque “Lamento do bêbado”.

Como se fosse movida por algum mecanismo que desperta ao comando do filho, a velha começa a tocar. Edmundo dança sem ritmo, dando pulos na areia. De vez em quando pára e olha o mar.

– Está bom, está bom! Toque outra música. Não, fique em silêncio. Quero ouvir algum som diferente.

Não escuto nada. Hoje eles também não vêm. Em vinte e dois anos nunca chegaram à noite.

Esfriou. Vou buscar seu xale.

Entra na casa e volta trazendo um xale, que coloca sobre os ombros da mãe.

– Toque “Resignação”. Não, espere, vou buscar uma coisa lá dentro.

Quando retorna, veste uma jaqueta amarrotada e traz uma garrafa de cachaça. Olha o mar sem novidades, bebendo longos goles da aguardente.

– Agora, toque! Deixe que eu canto. Você depois que envelheceu desafina demais.

Canta e silencia ao final da música. O corpo, que até arremedara uns passos de dança, se imobiliza, os olhos fixos no mar. Apenas um braço se movimenta, levando a garrafa à boca.

– Essa música é minha ou é sua? Não me lembro. Todas as músicas são suas. Nem adianta brigar por isso. Você é quem escreve as partituras. Eu não sei escrever uma nota. Nunca soube.

Ri com espalhafato, ignorando a mãe às suas costas.

Sentada na cadeira, a cabeça tombada sobre o peito, ela abraça o pequeno acordeom.

– Você já pensou quando o navio chegar, se é que vai chegar um dia? Se descobrirem numa gaveta cinco cadernos de partituras, que diferença faz se as músicas estiverem assinadas por mim ou por você? Ah, ah, ah! Vamos estar mortos e esquecidos.

Cai na areia, rolando de tanto rir. Só pára quando a garrafa escapa da sua mão. Tateia ansioso, até encontrá-la.

– Toque “Uma barca no mar”. Vá, toque! Quem sabe aparece alguma. Vá tocando sempre. Não ligue pra mim. Esqueça que eu estou nesta ilha.

Submissa às ordens do filho, a velha dedilha as teclas do acordeom, e arranca melodias que se dispersam no fim de tarde.

– Escureceu. Tenho de acender o farol. Pra quê? Há vinte e dois anos eu faço a mesma pergunta. Para que eu acendo o farol? Para orientar os navios perdidos no mar.

Sai ligeiro, movido pela vontade que nunca compreende. O escuro da noite que começa agora se alterna com o brilho do farol, acendendo e apagando.

– O petróleo está no fim. Se o navio de manutenção não chegar, ficaremos no escuro e morreremos de fome. Quer comer uma bolacha mofada?

Apanha uma bolacha no bolso e a entrega à mãe. Ela mastiga lentamente, sem dizer nada.

– Quando aceitei ser o faroleiro desta ilha, não pensei que fosse ficar tanto tempo. Estava magoado, morto pela metade. Uma ilha deserta deve ser boa pra curar um coração doente. Eu disse e você riu. Naquele tempo você ainda enxergava e ouvia.

Cantarola baixinho, sempre olhando o mar.

– Nas primeiras noites que passei aqui, não dormi um minuto. E se nos esquecessem, quem nos proveria? A ilha é seca. Afora os peixes e a pouca água que juntamos na cisterna, não nos dá nada.

Tira uma bolacha do bolso.

– *Estamos sozinhos, separados do mundo por milhas de água, esperando. Nosso destino é incerto, mas todos os dias eu tenho de acender um farol para guiar o destino dos outros. Eles ignoram que existimos. Não sabem que esse facho de luz é como o pulsar do nosso coração. Veja, acende e apaga, acende e apaga... O lampejo de luz*

*dura apenas um segundo. O eclipse demora mais. São três segundos de escuridão, um, dois, três... Acendeu novamente, um... Apagou...*

Mastiga a bolacha e toma goles de aguardente.

– Eu sei que você vai pedir para eu não pensar nessas coisas. E vou pensar em quê? Eles nunca atrasaram tanto como dessa vez. Toque “Pranto derramado”. Não, toque “Hoje, que dirás tu?”. Nem sei se quero cantar. A letra dessa música é horrível. Quem escreveu, foi Eleonora? Desculpe, eu esqueci que você não gosta de ouvir o nome dela.

A lembrança de Eleonora parece desesperá-lo.

– Eleonora! Eleonora, você não precisava ter escrito esses versos tão ruins. Eu me levantava sem eles. Agora tenho que ficar de pé, apesar deles. Ah, ah, ah... Ninguém me escuta. O mar me separa do mundo.

Começa a chorar.

– Eleonora, quando você me disse que estava apaixonada por outro homem eu morri pela metade. Eu sempre acreditei que era único.

Vai até junto da mãe e olha para ela, desolado.

– Você me fez acreditar que eu tinha todas as perfeições. Que uma mulher, estando comigo, nunca pensaria noutro homem. No dia que Eleonora me disse que amava outro, compreendi quem eu era. Senti-me traído por minha avó, por você, por todas as mulheres.

Corre para junto do mar.

– Toque “Canto cheio de pranto”! Agora é mais fácil. Não tenho de ser o que sonharam para mim. Cada dia eu ouço menos aquela voz martelando na minha cabeça...

– Edmundo, você precisa saber...

– Que você não me ama mais? Quem é ele? Me diga! Quero matá-lo.

– Não seja violento!

– Você me destruiu. Vou dar um tiro na cabeça dele. Vou castrá-lo como se castra um porco.

– Edmundo, uma mulher pode amar dois homens.

– Eu não acredito. O amor é exclusivo.

– Aceite me dividir com outro.

– Não quero.

– Queira!

– Não quero, já disse.

Bebe os últimos goles da aguardente e senta-se na areia. Apesar da embriaguez, seus gestos revelam uma suavidade que não possuíam antes.

– Quero! Quero transpor essas milhas que me separam do mundo. Eu preferia ter perdido um braço. O direito, não, o esquerdo. Com-

pleto. Mão, antebraço e braço. Eleonora sempre me achou dramático, primitivo. Ah, ah, ah... Comigo ela só vibrava em ondas baixas. Com o outro, ela vibrava alto. Ah, ah, ah... Eu acho que eles se amavam no topo de um farol. Eleonora! Ele tem um nome horrível. Tenho nojo de pronunciar.

Volta-se, repentinamente, procurando a mãe.

– Mamãe, toque “E o gato comeu” e depois vá se deitar. Saia bem de mansinho, sem que eu perceba nada. Dormirei aqui na praia. Avistei umas luzes. É o navio de abastecimento. A terra é mais perto do que se imagina. A senhora não gostaria de tomar sorvete em taça de cristal? Toque e vá dormir.

O sol queimou o meu rosto, mas não devo parecer velho. Quando vim para esta ilha, fiz questão de não trazer espelhos. Mas se o navio se aproxima, sinto vontade de ver o meu rosto. Como será que ele está?

Grita, para a frente.

– Olá! *What's your name?* Ahn...? Estão tomando cerveja gelada e eu cachaça. Pensam que não tenho mais força? Duvidem! Vão duvidando! Sempre sonhei ser marinheiro, ter uma tatuagem de águia no peito, e uma mulher em cada porto... Ou então ser trapezista de circo. Senhoras e senhores! Respeitável público! A grande atração da noite: Edmundo Alcoforado no tríplice mortal... Trrrrrrrrrr... trrrrrrrrr... Ah! Deu-lhe! Tan, taran, taran, tan, tan, tan, tan... Mamãe, vá deitar-se! Não escute essas coisas que estou dizendo. Elas sempre me vêm à cabeça quando avisto o navio. Um brinde, marinheiros, um brinde! Serei o mais novo embarcado. Mamãe, vá dormir, não quero que a senhora me escute. Se estiver sem sono, fique tocando em seu quarto. As músicas são suas. Nunca soube escrever uma nota.

A mãe vai embora, sem ser vista por Edmundo.

– O mar se transpõe a nado. Duvidam? Vão à merda! Eu sou capaz de tudo quando avisto aquelas luzes. Viajo todas as cidades. Desembarco nos melhores portos. Amanhã o navio vai estar a dois metros de mim. Se quiser eu transporei a prancha. Vocês duvidam? A senhora duvida, mamãe? Pois duvide! Um brinde, marinheiros, um brinde! Sou dono do meu destino!

A luz do farol se apaga.

– O petróleo acabou. Estamos no escuro. E agora? Mamãe! Mamãe!

Ouve-se o acordeom ao longe.

João Sérgio Siqueira Telles nasceu em Fortaleza, Ceará, em 1946. Recém formado em Medicina foi residir em São Paulo, onde exerce clínica psicanalítica. É membro do Departamento de Psicanálise do Instituto *Sedes Sapientiae*. Tem publicados os livros de contos: *Mergulhador de Acapulco* (Rio de Janeiro: Editora Imago, 1992) e *Peixe de Bicicleta* (São Carlos: Edufscar, 2002). Possui contos publicados nas antologias: *O Talento Cearense em Contos* — Org. Joyce Cavalcante (São Paulo: Editora Maltese, 1994), *Antologia de Literatura Brasileira* — Org. Arne Lundgren (Suécia, 1994) e *Brasil — Receitas de Criar e Cozinhar* (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998). Também publicou livros de psicanálise.

## SÉRGIO TELLES

# MESA

SÉRGIO TELLES

Os pirex ainda americanos, com finas faixas de relevos em forma de florzinhas ou desenhos geométricos.

A fruteira de alumínio, toda amassada.

Os talheres, comprados um a um — de aço inoxidável —, cada um com seu desenho próprio.

Os pequenos copos de prata, diferentes entre si, presentes de nascimento, de remotos aniversários. (Copos banhados a prata, descobriríamos depois, abalando retroativamente o orgulho que nos proporcionavam.)

Os porta-guardanapos, com o nome gravado, também de “prata”, também antigos presentes.

As xícaras, cada uma de uma cor, cada uma de um jeito diferente.

Cada um de meus irmãos.

A lata de fatia de pão torrado, azul-marinho com desbotadas estrelinhas douradas, ainda visíveis por entre os arranhões e partes ligeiramente enferrujadas.

A digna farinha de madeira, lisa e redonda, com sua colher de pau, pequena e funda concavidade.

O lugar do pai. O lugar da mãe.

As garrafas d'água da geladeira, de uísque escocês, bebido na casa do tio rico.

A carne algo nervosa. O arroz com tomate, coentro e colorau. O feijão mulatinho.

O leite, o café, o pão.

A coca-cola das grandes ocasiões.

A lata de goiabada Cica ou Peixe.

Agora — o que fazer de tudo isso, essas coisas soltas e desconexas que venho carregando há tanto tempo e com tanto trabalho, equilibrando-as cuidadosamente para que não caíam e quebrem, fonte de tanto cansaço, tanto sofrimento?

Onde estender a toalha velha e manchada em seu quadriculado vermelho?

Onde pôr a mesa e servir o passado num repasto definitivo? Quando será ele comido e engolido de uma vez por todas, deixando-me livre para continuar a jornada sem bagagem desnecessária?

## Ruy Vasconcelos

Ruy Vasconcelos de Carvalho, professor universitário, publicitário e tradutor *free-lancer*. Participou de algumas antologias e publicou em diversas revistas e jornais no Brasil e no exterior: *Boxkite* (Sidney), *Magyar Napló* (Budapeste), *Espéculo* (Madri), *Suplemento de Minas* (Belo Horizonte), *Ciberkiosk* (Lisboa), *Inimigo Rumor* e *Vivercidades* (Rio de Janeiro). Em 2001, editou uma pequena biografia de poeta cearense, *José Albano: Errante e Peregrino* (Edições Demócrito Rocha). Seu único livro de poemas, *30 amostras de conversa*, permanece inédito.

# O Alula

Rug  
Vasconcelos

*O louco enterrou  
seu pressentimento  
em caixa de sapatos.*

*Era noite.  
E antes que a chuva  
engolfasse o bairro.*

*Depois foi dormir.  
Pingo sim, pingo não.  
De ouvido e afino  
contou todas as gotas.  
Elas eram um refrão.*

*Entre gota e outra  
mesmo na chuva cerrada  
havia sempre descaso.  
E o pressentimento pulsava  
em sua frente como uma corola.  
Chuva passou.  
Louco dormiu.*

*Mas entrou a sonhar que morria.*

*Morreu.*

*E o pressentimento  
o ressuscitou ao terceiro dia  
na forma de um belo par de mocassins.*

## NO FIM, O COMEÇO

*A verdade é mais que uma mistura. Ninguém pode imaginar qualquer tipo de pureza debaixo do sol. Se assim pensamos, não vale lapidar ventos ou testemunhar quixotices.*

*O limite é o próximo passo. O limite é o abismo. E nele não queremos cair. Ficamos experimentando o mesmo, revolvendo eclipses em nossas vísceras. Preferimos assim. O caos é uma verdade, felizmente.*

*Daqui, partimos como apenas uns. Nada de festins. O que queremos é deixar de lado o outro lado. Vamos, do jeito que der.*

*Apontamos este rumo: o caos, novamente o caos. O caos portátil, contos e o mínimo que se puder. Iniciemos essa perda. Vinte e três, dessa ou de outras vezes. Vinte e três. Sem grupo, sem tipos, apenas um número sem místicas. Experimentemos essa beira de abismo, caos nosso em vossos dias.*

*Os editores*

NO FIM  
O COMEÇO

Apoio Cultural:

---



**Pouchain Ramos**  
GRÁFICA & EDITORA  
Imprimindo qualidade!

